

Jornada dos Observatórios da FAPOL
Jornada de los Observatorios de la FAPOL



FAPOL

 Escola Brasileira
de Psicanálise

NEL_{cf}
Nueva Escuela Lacaniana
del Campo Freudiano

 **EOL**
Escuela de la Orientación Lacaniana



OBSERVATORIOS
LACANIANOS

OBSERVATORIOS LACANIANOS

DIREÇÃO DA PUBLICAÇÃO/DIRECCIÓN DE LA PUBLICACIÓN

Fernanda Otoni Brisset – Presidenta FAPOL
Gabriela Camaly – Vice-Presidenta FAPOL
María Hortensia Cárdenas – Secretária/Secretaria FAPOL

RESPONSÁVEL DA PUBLICAÇÃO/RESPONSABLE DE LA PUBLICACIÓN

Gabriela Camaly

COMISSÃO DE LEITURA E EDIÇÃO/COMISIÓN DE LECTURA Y EDICIÓN

Andrea Amendola – Coordenação/Coordinación
Silvia Jacobo – Coordenação/Coordinación
Edna Gómez Murillo
Heloísa Bedê
Milena Vicari Crastelo
Paul Mata

SECRETARIA DE TRADUÇÃO/SECRETARÍA DE TRADUCCIÓN

Secretária/Secretaria: Paola Salinas

Colaboradores Português/Español

Aliana Santana, Ana Ibáñez, Carolina Vignoli, Ernesto Anazalone, Jaqueline Vitor,
Juan Pablo Bitar, Katya Schwazember, Mariela Praderio, Silvia Jacobo, Silvina Molina,
Silvina Rojas, Veronica Paola Montenegro

Colaboradores Español/Português

Ana Beatriz Zimmermann, Bibiana Poggi, Bruna Guaraná, Carolina Quixabeira,
Cristiana Gallo, Cynthia Gindro, Daniela Araújo, Eduardo Vallejos,
Emelice Prado Bagnola, Giselle Moreira, Gustavo Ramos, Maria Rita Guimarães,
Matheus Machado de Barros, Rafaela Oliveira, Renata Martínez,
Ruscaya Maia, Tatiana Vidotti

Índice [INTERATIVO]

A título de apresentação 6

A modo de presentación 8

Abertura – Jornada dos Observatórios 10

Apertura – Jornada de los Observatorios 12

Los Observatorios de la FAPOL – *Defendiendo y extendiendo el Psicoanálisis en Latinoamérica* 14

O vivo dos observatórios: Incidências e impasses, transferência de trabalho e desejo do analista/Lo vivo en los observatorios: transferencia de trabajo y deseo del analista [17]

Interlocução/Interlocución
por Gabriela Grinbaum 18

Interlocução/Interlocución
por Joaquín Carrasco 20

Ler em tempo real: O que faz um observatório psicanalítico? / Leer en tiempo real: ¿Qué hace un observatorio psicanalítico? [23]

Interlocução/Interlocución
por Margarida Assad 24

Interlocución
por Piedad Ortega de Spurrier 28

Resgatar o singular: o direito á palabra mais além da “lei do mundo”/Rescatar lo singular: el derecho a la palabra más allá de “la ley del mundo” [32]

Resenha da interlocução
por Henri Kaufmann 33

Interlocução/Interlocución
por Mariana Isasi 35

A evaporação do pai e suas consquências no laço/La evaporación del padre y sus consecuencias en el lazo [39]

Interlocução/Interlocución
por Lilany Pacheco 40

Interlocución
por Lizbeth Ahumada 43

O que pulsa nos observatorios: efeitos de formação entre elaboração e real/Lo que palpita en los observatorios: efectos de formación entre elaboración y real [47]

Interlocução/Interlocución
por Débora Rabinovich 48

Interlocução/Interlocución
por Heloisa Prado Telles 52

Falar a língua do Outro/Hablar la lengua del Otro [56]

Interlocução/Interlocución
por Giselle Cardozo Stable 57

Reseña interlocución
por Marcelo Veras 62

**Feminização do mundo: do universal ao singular e seus restos/
Feminización del mundo: de lo universal a lo singular y sus restos [64]**

Interlocução/Interlocución

por Estela Carrera 65

Interlocução/Interlocución

por Viviana Berger 67

**Nuevas Subjetividades: segregación y rechazo en la época
del Uno solo/Novas subjetividades: segregação e recusa
na época do Um sozinho [69]**

Interlocução/Interlocución

por Ana Lucia Lutterbach 70

Interlocução/Interlocución

por Carlos Rossi 74

Conclusão/Conclusión [79]

Uma outra história começa, o mesmo combate continua... 80

Otra historia comienza, el mismo combate continúa... 85

A título de apresentação

Esta publicação reúne os trabalhos apresentados durante a Jornada dos Observatórios da FAPOL realizada nos dias 7 e 8 de dezembro de 2024, assim como as interlocuções sustentadas por colegas das três Escolas da América, que deram lugar à série de conversações que se sucederam. Dois dias de intenso trabalho, oito mesas sucessivas, quarenta e oito apresentações, dezesseis interlocutores e mais de duzentos colegas de todo o continente conectados por Zoom.

Os Observatórios, criados em 2014, foram concebidos para ler e investigar o estado de um tema específico que faz sintoma na cultura, em um momento e lugar determinados, levando em conta a diversidade de contextos socioculturais nos quais a psicanálise se pratica em nosso continente. Como disse Mauricio Tarrab durante o “Ato de permutação” de 2022 “a ideia era simples: os Observatórios aportariam material concreto para apoiar e orientar a ação lacaniana” [1], quando fosse necessário.

Mas também, seguindo a recente orientação de Fernanda Otoni em sua recente apresentação dos novos Observatórios, trata-se de “extrair de suas observações, em sua conexão com outros discursos, uma leitura que possa nos ensinar algo sobre nossa própria experiência, ajudando a avançar ao ler, junto com outros, a atualidade do sintoma que responde à nossa oferta”[2].

Nesse sentido, a Jornada dos Observatórios foi um acontecimento de trabalho fecundo entre as Escolas, uma verdadeira conversação federativa de cujos efeitos ainda continuaremos apreendendo. Por esse motivo, o atual bureau FAPOL desejou deixar um documento escrito com o qual

[1] Tarrab, M., Intervenção no ato de permutação da FAPOL 2022, [on line] <https://fapol.org/institucional/acto-de-permutacion/>

[2] Otoni Brisset, F., La materia del observatorio FAPOL, [on line] <https://fapol.org/observatorios/>

cada colega interessado possa nutrir-se e se orientar nos temas candentes que hoje ressoam na cultura e que interpelam nossa prática analítica em todas as latitudes da América Latina.

Fernanda Otoni Brisset

Gabriela Camaly

María Hortensia Cárdenas

Bureau FAPOL

Tradução: Ruskaya Maia

Revisão: Paola Salinas

A modo de presentación

Esta publicación reúne los trabajos presentados durante la Jornada de los Observatorios de la FAPOL, realizada los días 7 y 8 de diciembre de 2024, así como también las interlocuciones sostenidas por colegas de las tres Escuelas de América, que dieron lugar a la serie de conversaciones que se sucedieron. Dos días de intenso trabajo, ocho mesas sucesivas, cuarenta y ocho presentaciones, dieciséis interlocutores y más de doscientos colegas de todo el continente conectados por Zoom.

Los Observatorios, creados en el 2014, fueron concebidos para leer e investigar el estado de un tema específico que hace síntoma en la cultura, en un momento y un lugar determinados, teniendo en cuenta la diversidad de contextos socioculturales en los que el psicoanálisis se practica en nuestro continente. Como dijo Mauricio Tarrab durante el “Acto de permutación” de 2022 “la idea era simple: los Observatorios aportarían material concreto para apoyar y orientar la acción lacanianá”,^[1] cuando la misma fuera necesaria.

Pero también, siguiendo la reciente orientación de Fernanda Otoni en su reciente presentación de los nuevos Observatorios, se trata de “extraer de sus observaciones, en su conexión con otros discursos, una lectura que pueda enseñarnos algo sobre nuestra propia experiencia, ayudándola a avanzar al leer, junto con algunos otros, la actualidad del síntoma que responde a nuestra oferta”.^[2]

En este sentido, la Jornada de los Observatorios ha sido un acontecimiento de trabajo fecundo entre las Escuelas, una verdadera conversación federativa de la que todavía continuaremos aprehendiendo sus efectos. Por este motivo, el actual bureau de la

[1] Tarrab, M., Intervención en el acto de permutación de FAPOL 2022, [en línea] <https://fapol.org/institucional/acto-de-permutacion/>

[2] Otoni Brisset, F., La materia del observatorio FAPOL, [en línea] <https://fapol.org/observatorios/>

FAPOL ha deseado dejar un documento escrito con el que cada colega interesado pueda nutrirse y orientarse en los temas candentes que hoy resuenan en la cultura y que interpelan nuestra práctica analítica en todas las latitudes de América Latina.

Fernanda Otoni Brisset
Gabriela Camaly
María Hortensia Cárdenas
Bureau FAPOL

Abertura

Jornada dos Observatórios

Queridos colegas,

É uma alegria para o Bureau da FAPOL, Maria Hortensia Cárdenas, Gabriela Camaly e eu, nos reunimos hoje, por zoom para dar lugar a Jornada dos Observatórios FAPOL. É um momento muito especial. Em verdade teremos nesses dois dias a oportunidade de escutar o grão que cada um dos autores nos entrega de sua experiência, de suas investigações e conversas no observatório sobre o tema que se dedicaram e que hoje aportam como material para conversação com a comunidade analítica de nossas três escolas. É um momento muito importante também porque, depois de 8/9 anos de intenso trabalho [como poderão ver pelos produto que entregam], os observatórios “Genero, política e transexualidade”, “A violência e as mulheres na América Latina”, “Legislações, Direitos e Subjetividades contemporâneas” e “Infâncias” encerram suas atividades, portanto é também um momento de permutação.

Então, em nome do bureau, iniciamos essas jornadas com um agradecimento a cada um dos que participaram desses observatórios do início até agora e também àqueles que passaram por ele em algum momento entregando ali um grão de sua enunciação. O material que animará a conversa dessa jornada não seria possível sem o grão do desejo e a experiencia analisante de cada um. Vocês puderam ler na brochura como se trata de um material vivo e atual para a experiência analítica.

A nossa aposta é que essa conversação possa ter efeitos de formação, ajudar a avançar a psicanálise mesma ajudando-a a elucidar o contexto em que hoje faz sua oferta. Vamos ver o que esse trabalho poderá provocar em cada Escola como efeito de sua transmissão. Esperamos que ressoe e possa inspirar ações concretas segundo as circunstâncias do momento em cada lugar. Saberemos ler seus efeitos.

Por fim e para falar do início, conto para vocês que a ideia dessas Jornadas devemos a presidenta honorária da FAPOL, nossa querida Flory Kruger, AME da Escola de Orientação Lacaniana e da Associação Mundial de Psicanálises, cuja prática da psicanálise se instala na cidade de Buenos Aires. Agradecemos sua presença, o apoio e a força de Flory Kruger, uma guerreira aplicada com quem contamos sempre para seguir adiante. Passo-lhe imediatamente a palavra para fazer a abertura dessas jornadas.

O observatório sobre políticas de autismo não está concluindo seus trabalhos hoje, em verdade, ele seguirá com a originalidade que o funda de uma nova maneira que em breve poderemos anunciar publicamente. Espero que ainda esse ano.

Fernanda Otoni Brisset

7/12/2024

Apertura

Jornada de los Observatorios

Estimados colegas,

Es una alegría para el bureau de la FAPOL, María Hortensia Cárdenas, Gabriela Camaly y yo, reunirnos hoy, vía zoom, para dar lugar a las jornadas de los Observatorios FAPOL. Es un momento muy especial. En verdad, durante estos dos días tendremos la oportunidad de escuchar el grano que cada uno de los autores nos aporta de su experiencia, sus investigaciones y conversaciones en el observatorio sobre el tema al que se dedicaron y que hoy nos brindan como material para conversación con la comunidad analítica de nuestras tres escuelas. Es un momento muy importante también porque, después de 8/9 años de intenso trabajo [como se puede ver por los productos que entregan], los observatorios “Género, política y transexualidad”, “Violencia y mujeres en América Latina”, “Legislaciones, Derechos y Subjetividades Contemporáneas” e “Infancias” finalizan sus actividades, por lo que es también un momento de permutación.

Entonces, en nombre del buró, iniciamos con un agradecimiento a cada uno de los que participaron en estos observatorios desde el inicio hasta ahora y también a los que pasaron en algún momento entregando allí un grano de su enunciación. El material que animará la conversación hoy no sería posible sin el grano de deseo y la experiencia analítica de cada persona. Se puede leer en el brochure cómo es un material vivo y actual para la experiencia analítica.

Nuestra apuesta es que esta conversación pueda tener efectos de formación, ayudar a hacer avanzar el psicoanálisis mismo ayudándolo a dilucidar el contexto en el que hoy hace su oferta. Veamos qué puede provocar este trabajo en cada Escuela como efecto de su transmisión. Esperamos que resuene y pueda inspirar acciones concretas según las circunstancias del momento en cada lugar. Sabremos leer sus efectos.

Finalmente, y para hablar del inicio, les cuento que la idea de estas Jornadas se la debemos a la presidenta honoraria de FAPOL, nuestra querida Flory Kruger, AME de la Escuela de Orientación Lacaniana y de la Asociación Mundial de Psicoanálisis, cuya práctica tiene lugar en la ciudad de Buenos Aires. Les agradecemos la presencia, el apoyo y la fuerza de Flory Kruger, una guerrera dedicada con la que siempre podemos contar para seguir adelante. Inmediatamente le paso la palabra para abrir estas Jornadas.

El Observatorio sobre políticas de autismo no está concluyendo sus trabajos hoy, seguirá de una nueva manera, con la originalidad que lo funda. Podremos anunciarlo públicamente en breve. Espero que sea en el transcurso de este año.

Fernanda Otoni Brisset

7/12/2024

Los Observatorios de la FAPOL

Defendiendo y extendiendo el Psicoanálisis en Latinoamérica

La FAPOL, Federación Americana de Psicoanálisis de la Orientación Lacaniana, fue creada hace ya más de 10 años con el objetivo de promover la extensión del psicoanálisis más allá de la intimidad de las Escuelas.

El otro objetivo fundamental fue el de compartir un trabajo con las tres Escuelas de América latina, la EBP, (Escuela Brasileira de psicoanálisis) la NEL, (Nueva Escuela Lacaniana), que reúne a 9 países de América, y la EOL, (Escuela de la Orientación Lacaniana).

La inspiración para la creación de la Fapol fue la Acción Lacaniana.

La Acción Lacaniana, propuesta por Miller, tiene como principal objetivo, la necesidad de que los psicoanalistas puedan interpretar el malestar en la cultura, que puedan abrir interrogantes desde una posición ética y que se sitúen en una relación de exterioridad respecto de la actualidad, tratando de dar respuestas a los problemas contemporáneos.

El otro factor importante a tener en cuenta, son los ataques con los cuales hoy se tiene que enfrentar el psicoanálisis.

Es sobre estos principios que fueron creados los Observatorios de la Fapol.

Para elegir los temas que se iban a investigar, ubicamos cuales eran las problemáticas actuales que conciernen al psicoanálisis en sus diferentes contextos socio-políticos de América Latina.

Finalmente fueron seis los Observatorios que se crearon para comenzar la tarea.

Los Observatorios que funcionaron durante estos años fueron:

1. “La violencia y las mujeres en Latinoamérica”.
2. “Legislación, derechos, subjetividades contemporáneas y psicoanálisis”.

3. “La Infancia medicalizada”.
4. “¿Vamos hacia una cultura toxicómana?”.
5. “Políticas del autismo”.
6. “Género, biopolítica y transexualidad”

Cada uno de ellos está compuesto y coordinado por miembros de cada una de las 3 Escuelas de la AMP en América.

La propuesta original fue iniciar una investigación en los diferentes países, lo que permitió un intercambio muy productivo y lo que se buscó fue establecer un diagnóstico del tema abordado, para poder entregar los resultados al Bureau de la Fapol.

El paso siguiente, sostenido en estos resultados, fue pensar y promover acciones posibles en cada uno de estos países, desde una mirada psicoanalítica.

Hoy estamos aquí reunidos, en estas primeras Jornadas, para escuchar el producto del trabajo realizado en cada uno de estos espacios.

Por lo que pude observar, el número de trabajos presentados y su contenido, dan cuenta del interés y de la dedicación que los participantes de los distintos Observatorios han tenido.

Sus reflexiones serán muy importantes a la hora de encontrar el modo en que la Fapol pueda intervenir.

Si bien, el trabajo de los Observatorios, hasta ahora, ha resultado muy productivo, a su vez, hemos entendido que es el momento quizá, de darle una vuelta a los temas que cada uno ha venido investigando.

Fernanda será quien les transmitirá la primicia de cómo seguiremos avanzando en esta tarea de aquí en más, teniendo en cuenta que como psicoanalistas, nos enfrentamos cada día a desafíos que la actualidad nos impone.

No podemos perder de vista la resistencia con la que nos enfrentamos en contextos científicos y académicos, sobre todo, sostenido en la presión por métodos rápidos y cuantificables, cuya simplificación se soporta en enfoques no psicoanalíticos.

No debemos olvidarnos de cuales han sido hasta ahora la contribución de los Observatorios, ya que sus productos han sido muy importantes y de mucho valor.

Es fundamental seguir sosteniendo la comunicación entre las tres Escuelas en todo Latinoamérica para fortalecer la comunidad psicoanalítica y fundamentalmente, la producción de investigaciones que legitimen al psicoanálisis en diversos campos.

Teniendo en cuenta la relevancia de estos Observatorios en la promoción y defensa del psicoanálisis, los invito entonces a colaborar con los Observatorios para ampliar su impacto en Latinoamérica.

Entonces, queridos colegas, queridos amigos, los invitamos, con todo el entusiasmo, con toda la alegría, con todas las ganas, a trabajar juntos durante estos dos días intensos que los Observatorios de la Fapol nos ofrece.

Flory Kruger

7/12/2024

**O vivo dos observatórios:
Incidências e impasses,
transferência de trabalho
e desejo do analista**

**Lo vivo en los observatorios:
transferencia de trabajo y
deseo del analista**

MESA 1

Interlocução/Interlocución

por Gabriela Grinbaum

LO VIVO Y EL DESEO DEL ANALISTA.

En un trabajo nos topamos con algo que esperamos los analistas a la hora de decir, pero que no siempre se encuentra: enunciación. Así lo leo en “Un grano de transformación” de Anna Rogéria Oliveira.

En “Víctima de un abuso” de María Fernanda Mina, se constata el deseo del analista.

Comienzo con “Un grano de transformación”, del Observatorio de género.

Tan bello como conmovedor. Los analistas invitamos a que asome la enunciación.

¿Qué quiere decir eso? La respuesta está en este trabajo.

Anna nos cuenta su inicio en el Observatorio de género, biopolítica y transexualidades.

Trabajaba en el programa Trans en el Hospital de Goiás, donde realizaban cirugías de reasignación de sexo. Anna atendía a los candidatos a esas cirugías porque en el protocolo de estas intervenciones era obligatorio pasar previamente por consultas con un “psi”.

¿Qué llevó al hospital a la creación de este programa? Ocurrió a partir de que un hombre y una mujer trans ingresaron a la urgencia del hospital por tentativa de suicidio debido a no tener la posibilidad de poder hacerse la operación de reasignación.

Anna afirma en su texto: “Una premisa del mundo moderno es que el cuerpo sea convertido en el centro de la identidad contemporánea. El cuerpo aparece como un instrumento a partir del cual el sujeto construye un destino”.

Me gustaría si Anna pudiese desarrollar estas premisas que me interesan muchísimo.

Resalto que para ella hay un saldo de saber de su pasaje por el observatorio: no dejarse limitar por lo ya conocido. Los conceptos están vivos y los pacientes son únicos. Anna testimonia de un cambio en ella en la posición como analista. Nos dice: “El cuerpo no es primario, es el significante lo que transforma el organismo en cuerpo, pero al mismo tiempo se topa con las dificultades a nivel de la orientación.”

Para el hospital, el servicio era la esperanza para los pacientes, las cirugías eran la manera de prevenir los suicidios. Había entusiasmo por el éxito terapéutico. Sin embargo, Anna nos dice: “La cirugía no era la solución para todos”. Y concluye con la pregunta sobre el lugar del psicoanálisis en la institución y los impases en la práctica frente al amo contemporáneo del discurso jurídico.

¿Qué inventar para permanecer en la institución aun cuando se tiene una posición diferente? Anna reconoce la pertinencia y la necesidad de psicoanálisis en la institución hospitalaria.

En segundo lugar retomo la presentación sobre: La violencia y las mujeres en América Latina, de María Fernanda Mina.

A los casos de violencia, dice María Fernanda, abordarlos con intervenciones orientadas por el psicoanálisis es lo que los diferencia de cualquier otra terapéutica. Aclara que se trata de producir efectos a nivel del goce.

Revisión del español: Carolina Vignoli

MESA 1

Interlocação/Interlocución

por Joaquín Carrasco

En primer lugar, quisiera agradecer al Bureau de la FAPOL por la invitación a compartir algunos puntos que me causaron interés de los trabajos, como también algunas preguntas que espero que contribuyan a la conversación.

El trabajo de Claudia Maya, titulado “Acción Lacaniana”, nos aproxima a una práctica particular: la de una perito psicóloga que trabaja orientada por el psicoanálisis en un espacio en que gobierna el discurso jurídico. Un espacio en que, tal como nos propone, el “para todos” deja por fuera lo singular de cada sujeto.

De entrada, señala que el paso por el Observatorio ha tenido un efecto de orientación respecto a la posición conveniente en estos dispositivos jurídicos. Cito el modo en que lo plantea: “Rescatar lo singular de cada sujeto que busca encauzar el proceso judicial, intentando que lo propio no sea borrado bajo un protocolo”. Recientemente, en una conferencia en la UBA, Christiane Alberti^[1] aludía justamente a este punto, a la necesidad de un espacio para que pueda desplegarse la palabra, un espacio para interpretar, lo que nos muestra que las formulaciones iniciales van cambiando, que no son estáticas.

[1] Alberti, C. (2024). “El psicoanálisis hacia la juventud”. En Youtube: <https://www.youtube.com/live/BKoWngGKpBE?si=R-cWcoQdf9C1WzrtW>

Se desprende una apuesta: dar lugar a la palabra del sujeto que atraviesa un proceso judicial. Al referirse a los profesionales que inciden en este proceso, Claudia plantea una frase que quisiera destacar, porque pienso que también nos concierne en tanto practicantes del psicoanálisis. Cito: “La posición de quiénes escuchan y el destino que dan a las palabras del niño, niña o adolescente, marca el curso de la causa”. Por eso es que, fue muy bien elegido el título del trabajo. Con sus reflexiones y viñeta, Claudia da cuenta de la incidencia en el curso de una causa judicial orientada por otra causa, la causa analítica.

En este punto, si bien los distintos profesionales escuchan, se trata de una escucha que tiene consecuencias disímiles, en tanto se concibe de un modo diferente el estatuto mismo de la palabra. No es lo mismo escuchar el enunciado como una manifestación directa del deseo, que escuchar dando lugar a la enunciación, al malentendido, y con ello que el deseo sea interrogado.

Para finalizar, planteo dos preguntas que me surgieron a partir del texto.

Considerando el efecto de orientación obtenido, me pregunto: ¿en qué consistió el trabajo que realizaron en el Observatorio?

En segundo lugar, destacaba hace un momento la diferencia entre la escucha de un abogado o un juez, y la escucha de un analista. Ahora bien, también está el lugar y la escucha que el juez puede hacer, o no, de las palabras de un analista que incide bajo la figura de un perito. Ahí, me pregunto por las maniobras necesarias en las instancias judiciales, ¿cómo piensas la dimensión transferencial en este escenario?

Paso al segundo trabajo, titulado “Recorrido de una experiencia: Observatorio de género, biopolítica y transexualidad”, de María Auxiliadora Rodríguez. Se trata de un texto en que se plantean algunas de las dificultades producidas en el recorrido de 7 años en el Observatorio. Es un texto que me despierta múltiples preguntas. Entre ellas, me parece interesante si pudieras profundizar en la idea de que fue una tarea dura distinguir entre Escuela y Observatorio. ¿Qué lecturas tienes respecto a esta dificultad?

Junto a los impasses, también se releva lo fundamental de la transferencia de trabajo, para hacer frente a las dificultades y desencuentros.

¿Qué se trabajó en este Observatorio? María Auxiliadora nos lo dice, cito: “Leyes y segregación, infancia trans, identificaciones, sexualidades, identidad, cuerpo, síntomas contemporáneos, fueron algunas de las líneas centrales de trabajo”. Al leer estas temáticas, tan en sintonía con la época, me pregunto por las conclusiones principales a las que arribaron a partir de este trabajo. En esta dirección, pregunto: ¿cuáles son tus principales saldos de saber obtenidos a partir del trabajo en este Observatorio?

La lectura del texto me llevó a revisar el Tercer Informe, que corresponde a la gestión que va del 2020 al 2022. Para quienes deseen revisarlo,

está publicado en la página web de la FAPOL.[2] En este informe nos encontramos con significantes que, no siendo propios del psicoanálisis, es fundamental considerar, por estar muy presentes en nuestra época, como “género” y la sigla “LGBTIQ”. Toma un lugar relevante el levantamiento de información sobre las leyes que intentan contrarrestar la segregación, como también sobre aquellos lugares que carecen de dicha legislación.

[2] Publicado en:
<https://fapol.org/blog/observatorio-de-genero-biopolitica-y-transexualidad-tercer-informe-gestion-2020-2021-2022/>

Quiero destacar un punto del informe que me pareció especialmente interesante. Cito: “¿dónde queda y quién ejerce la ley ahora?”

En principio – y como efecto de la época –, ubicamos una prisa por hacer justicia que, ante la burocracia y la dilación de los procesos legales, se recurre a un derivado más grotesco y que denominaremos el ‘Otro de las redes’, donde encontramos todo tipo de quejas sobre injusticias sociales o legales, las mismas que quedan registradas en la virtualidad en un franco desplazamiento del ‘Otro de la ley’.

En otro punto, concluye: “Aunque el psicoanálisis no se ocupe particularmente de la justicia, el tema que nos convoca hoy nos lleva a interrogarnos por ella”. Es decir, a partir de los fenómenos segregativos, se toca el tema de la justicia, y las interrogantes que nos producen en el campo del psicoanálisis. Además de ser un tema interesante, me llama la atención porque toca un punto que remite a otro Observatorio, el de Legislación, Derechos, Subjetividades contemporáneas y el psicoanálisis. Me pregunto, a propósito de lo que planteas sobre la dificultad para distinguir entre Escuela y Observatorio, si es que se desdibujaban también los bordes entre un Observatorio y otro, ¿cómo lo piensas?

Muchas gracias.

Revisión del español: Ernesto Anzalone

**Ler em tempo real:
O que faz um observatório
psicanalítico?**

**Leer en tiempo real:
¿Qué hace un observatorio
psicoanalítico?**

MESA 2

Interlocução/Interlocución

por Margarida Assad

COMENTÁRIOS SOBRE OS TRABALHOS

SOBRE O TEXTO DE PAULA ITURRA

Começo meu comentário destacando uma bela definição dada por Fernanda Otoni para um *Observatório*: “*antena sensível para captar o que sucede no tecido social, a partir da Psicanálise e seu corpo conceitual*”.

No caso deste Observatório – A Violência e as Mulheres na América Latina – percebemos no texto, como seus membros estiveram sensíveis à violência sofrida pelas mulheres de diferentes países da América Latina: México, Chile, Guatemala, entre outros. Uma violência que incide não só em seus corpos, como por serem testemunhas de desaparecidos que suas famílias não puderam sepultar. O Observatório esteve em diversos países entrevistando profissionais onde se constatava o aumento do feminicídio.

O relato não só descreve a forma de violência sobre as mulheres, como também as descobertas de invenções para dar tratamento a elas. Na sua maioria partem de coletivos que usam a arte e a manifestação de rua para denunciar o horror da violência sofrida em busca de justiça. Lembro aqui o recente filme brasileiro: “Ainda estou aqui”, que demonstra o desaparecimento em 1970 de Rubens Paiva, um jurista brasileiro, pai de 5 filhos que foi levado de sua casa pela ditadura militar desaparecendo, sem que sua mulher e filhos soubessem o que ocorreu. Sua mulher, vítima dessa violência, procura se reinventar para dar um sentido à sua vida e à de seus filhos. Enfim, um tratamento à violência experimentada por essa mulher. Um filme fortíssimo, e com o qual estamos atentos, procurando caminhos para dar um lugar simbólico aos traumas experimentados naquele período.

Minha questão à Paula vai na direção dessa nova configuração social que as cidades nos apresentam. Não temos respostas na ordem simbólica que aloje um saber sobre os horrores que vivenciamos. A cada dia, uma nova forma de violência, seja contra mulheres, contra povos indefesos em guerras econômicas, seja contra indígenas, pessoas trans... enfim a violência não tem limite e não temos ferramentas simbólicas prontas para lidar com elas. Em um Seminário sobre *Política e Psicanálise*, coordenado por Marcus André e Renata Mendonça[1], eles interrogam sobre o que a psicanálise pode fazer. Como vocês também se perguntaram. Em sua proposta eles nos dizem:

mulheres, migrantes, indígenas, negros, trans, são guias, já que, raramente podem se dar ao luxo de se contentar com a suposição de saber em um mestre, afinal, o que esse mestre quer mais é lhes eliminar. Como esses corpos não podem contar com a suposição de saber em um mestre, de qual inconsciente estamos falando neste caso?

Deixo essa questão aqui pois ela me provoca quando penso no trabalho dos Observatórios. Ele geralmente se faz sobre coletivos; então, como incidir analiticamente sobre os sujeitos desses coletivos que buscam resgatar sua dignidade, recorrendo à orientação lacaniana?

Sabemos que lidamos com corpos que falam, ou seja, corpos golpeados, mutilados, corpos que sofreram a violência de um mestre cuja fala é expressão dos efeitos significantes em seus corpos. Penso então: será que o Imaginário definido pelo último Lacan, nos ajudaria a trabalhar sobre o sofrimento destes corpos? Lembro o belo trabalho feito pelo Coletivo “*Las Tesis*”. A performance realizada por seus corpos: “Un violador en tu camino”[2] teve influência no mundo inteiro. Assim também outros dois coletivos trazidos por vocês utilizaram a performance “*La Cueca sola*,

[1] André, Marcus e Mendonça, Renata: *Psicanálise e Política dos Corpos*. In: <https://litura.com.br/wp-content/uploads/2023/08/Psicanalise-e-politica-dos-corpos-guias-para-uma-pratica.pdf>

[2] Traduzido pelos jornais brasileiros como “O estuprador é você”.

Baile de la Cueca”[3], uma dança peruana bastante sugestiva, que contesta os atributos de colonizadores. Foi pelo imaginário que tais performances atingiram milhares de pessoas. O que pensam do uso do Imaginário trazido na arte, como a dança e as performances para uma ação lacaniana e política na cidade? Lembro que Lacan nos indica ao final do seu ensino que é pelo Imaginário que podemos aceder ao Real.

[3] Seu estilo é derivado da zamacueca peruana. A dança representa a conquista e o desejo amoroso de uma mulher por um homem, e está presente no oeste da América do Sul desde a Bolívia até a Argentina e a Colômbia, tendo suas variações de acordo com a região e a época. Fonte: Wikipedia.

SOBRE O TEXTO DE GIMENA SOZZI:

Gimena, em seu relatório, destacou os efeitos de formação que resultam de um Observatório. Ao fazer a distinção entre um Observatório e a Escola, ela investiga de que maneira um Observatório também produz efeitos na formação de um analista. Qual seria a forma? Como transferir o que a experiência clínica nos ensina para a Ação Lacaniana? O que é a Ação Lacaniana, ela se pergunta? Sua proposta é que: “enquanto no início de um tratamento se põe a trabalho a demanda, na ação lacaniana se põe a trabalho o discurso analítico”, segundo sugere Tarrab[4].

Nessa direção, Gimena traz uma interessante discussão sobre a paciência necessária ao analista. Para fundamentar essa questão, ela traz a apresentação do livro de Miller: “O Nascimento do Campo Freudiano”, especialmente na resposta de Miller a Pablo

[4] Tarrab, Mauricio (2014) Algunas ideas iniciales para los observatorios de FAPOL. Disponible en: <https://fapol.org/blog/algunas-ideas-iniciales-para-los-observatorios-de-fapol/>

Olivero. Miller lhe diz que é necessário que o analista tenha paciência frente ao real. Não adianta forçá-lo. E, ainda, lembra que, ao contrário do seu paciente, o real para o analista não é impossível; há que se ter a aprendizagem da paciência. Não se trata da impotência. Gimena traz para a prática do analista nos territórios, essa indicação. Há que se ter um tempo para observar, para se investigar com olhos bem abertos, ela lembra, antes do ato. O momento do ato, segundo Miller, resulta

de quando os pedaços de real se agrupam, forçando, operando uma resistência que impulsiona a ação analítica, de uma boa maneira. Assim a resistência que vem do Outro social é uma ajuda contra, no sentido de que força e sustenta, por assim dizer, o ato analítico ou a ação lacaniana.

É interessante que Gimena compare essa ação à poesia, tal como pensamos na interpretação do real. Aí reside minha pergunta a ela ou aos membros do Observatório.

Cito o que está no texto: “Uma boa maneira que estará, não tanto em relação a uma adequada oratória, senão mais próxima da poesia, no sentido de uma criação animada pelo desejo do analista.” Você poderia nos trazer alguma passagem experimentada no *Observatório de Gênero, Biopolítica e Transsexualidade*, onde foi possível uma ação como a que foi apontada como *de boa maneira*?

Gostaria também de aproveitar o momento e pedir que você comente sobre sua experiência com algo muito sutil que foi colocado ao final do texto. Você nos fala do que é investigar em Psicanálise: “*se algo nos interpela a ponto de o elevarmos à categoria de objeto de estudo algo teremos a ver*”. Então eu pensei, e gostaria de ouvi-la, qual a relação que você faz entre Observatórios e Escola? Você nos lembra a participação em cartéis, em jornadas, etc., mas você nos fala de uma torção singular própria à investigação em Psicanálise que penso ser própria à Ação Lacaniana nos Observatórios. Pode nos falar mais um pouco de como você pensa essa torção?

Revisão do português: Caroline Quixabeira

MESA 2

Interlocución

por Piedad Ortega de Spurrier

COMENTARIO DEL TRABAJO DE MARGARET PIRES DO COUTO

Agradezco esta invitación a comentar dos trabajos.

El primero, ¿Qué esperar de un observatorio en Psicoanálisis? destaco que Margaret Pires do Couto pone entre signos de interrogación ¿Psicoanálisis?

Ponerlo como interrogación me evocó una respuesta tajante de Freud en 1927 a un trabajo de Joan Riviere donde ella afirmaba que “al psicoanálisis no le interesa ninguna otra cosa: no se ocupa del mundo real, ni de la salud o la enfermedad, ni del vicio o la virtud, sólo las cosas que imagina la mente”. Le escribe a Ernest Jones que “En este simposio, una persona tan inteligente como Riviere se permita afirmaciones teóricas reñidas con todos nuestros conocimientos...”. En consecuencia, para Freud el inconsciente no es independiente del hecho social, en particular en su sufrimiento y la responsabilidad del sujeto humano en el mal que lo aqueja, aunque no lo sepa. Esto es el discurso del inconsciente. En suma, no serían posibles las lecturas de los síntomas de un sujeto sin tomar en cuenta su relación con los discursos de la época en que se hallan insertos, objetivo muy importante en los observatorios.

Pero Freud observa un detalle de suma importancia: y no resultó tan ingenuo como para pensar que era solo la cultura la que restringe la satisfacción total en la vida sino que, “existe algo que está en la esencia de la satisfacción misma que nos deniega la satisfacción plena y nos esfuerza por otros caminos”, como si de alguna manera pudiera ubicarse algo de “lo imposible” de la relación sexual.

Las condiciones de estructura que Freud logra ubicar son:

- a) No es posible lograr una satisfacción sexual total, tanto por las limitaciones de la cultura, como por las condiciones propias de su función. Por ende, esto produce malestar.
- b) No es posible eliminar la pulsión de muerte que atenta contra los lazos sociales, por condiciones de la cultura misma y sus fenómenos de identificación de masas.

Lacan en el viraje lingüístico que adoptó para sostener que el inconsciente es el discurso del Otro, reintrodujo la cuestión del psicoanálisis y la civilización hasta decir “No hay psicoanalista si no está a la altura de su época” (conferencia en Vincennes, 1969), pero también enfatizó la función del síntoma: como cada uno goza de su inconsciente y además como un déficit de un efecto de cuerpo, donde el objeto *a* se aloja y tapona el agujero de la no-relación sexual.

Es la línea que destaca Margaret Pires do Couto cuando plantea que la observación para el psicoanálisis no es un fin en sí mismo, sino que apunta a una acción. Se trata de una acción lacaniana en una época precisa, la de ahora con el acceso al zenit del objeto *a* en nuestra civilización y sus consecuencias.

Como señala Margaret, los observatorios de la Fapol “producen conocimientos sobre determinadas realidades y campos que ofrecen material para la orientación y acciones políticas para resaltar el agujero que pone el significado en suspenso” de lo que comúnmente destaca el investigador. Así resalto la manera como la autora pone psicoanálisis entre signos de interrogación.

¿Qué interroga el psicoanálisis en su acción lacaniana? A la época en sus nuevos y cambiantes regímenes de goce, a la depreciación de la palabra reducida a un objeto más del mercado que dicta la ley y que como señalan Eric Laurent y Jacques-Alain Miller (1997), tiene como efecto excluir la dimensión del sujeto humano, la de la palabra, sería finalmente deslizarse por la pendiente de la extinción del psicoanálisis.

Entrar por los intersticios de los discursos prevalecientes en esta

época en sus múltiples facetas nos permitirán aquilatar y sopesar todo aquello que afecta el tejido social y sus instituciones, a la subjetividad y a los cuerpos.

Es por esto que los observatorios mantienen su vigencia. Gracias Margaret por recordarlo. Al escribir este comentario se me vino esta pregunta: ¿Los observatorios pondrían también en evidencia esos agujeros y muescas que nos permiten reinventar el psicoanálisis cada vez, en cada época?

COMENTARIO DEL TRABAJO DE ONDINA MACHADO

Ondina nos interpela a pensar en una forma renovada de poner en cuestión el abuso a una mujer en la sociedad, y el uso discrecional que un analista hace de un dispositivo de atención al insistir con delicadeza sobre la existencia programada por algún ideal que duda bajo criterios de eficiencia y eficacia y que permea la institución. La decisión de Ondina a la escucha desde el comienzo es la de esa distancia entre lo que la joven destaca de su malestar por lo que accede a venir para tratarse y lo que está en juego en ella. Así, amplía el trecho de una incipiente duda en un trayecto que le permite abrir una distancia entre el ideal y un deseo que va del trata-miento al tratamiento, que se reduplica al remarcar la distancia entre “todas las mujeres” al fuera de serie de alguna, la abuela, que abre la posibilidad a la singularidad que la habita.

Quiero hacer una hipótesis para conversar con Ondina y con ustedes. Si asumimos que la institución donde acude esta joven era para tratar el trauma del abuso sexual, creo que Ondina hace una lectura del trauma más amplia al reconocerlo en los dichos de la joven, un resquicio desde donde escucha algo más vivo, singular y traumático: no olvidemos que el psicoanálisis plantea que el trauma se suscita cuando un acontecimiento entra en oposición con un dicho esencial de su vida: como deben de ser las mujeres que excluye la singularidad de una elección propia.

Mis preguntas son:

1. ¿La apertura del síntoma y su relación con el inconsciente es posible por esa intervención que pone en juego el deseo del analista en tu pregunta: ¿y tú?, extrayendo algo del “barullo” de los decires de las mujeres de la familia. ¿Es eso lo que tratas?
2. ¿Es esa tu forma de sostener tu orientación por el psicoanálisis en esta ocasión?

Revisión del español: Mariela Praderio

**Resgatar o singular:
o direito á palabra
mais além
da “lei do mundo”**

**Rescatar lo singular:
el derecho a la palabra
más allá
de “la ley del mundo”**

MESA 3

Resenha da interlocução

por Henri Kaufmanner

Henri Kaufmanner inicia sua interlocução destacando a complexidade do debate em questão. Indo além da oposição entre Observatório e Escola, assinala que há uma diferença e uma pergunta que insiste e que não por acaso retorna.

A partir do trabalho de Esteban Pikiewicz, Kaufmanner identifica uma questão central: como fazer existir o Observatório de Legislação? Esta pergunta está ligada diretamente à sua função política diante das dificuldades já apontadas no informe da Fapol. Em paralelo, o trabalho de Graciela Campanella suscita a questão de como sustentar o discurso analítico em tempos de fechamento e estreitamento do sentido, especialmente quando os direitos humanos deixam de ser garantidos pelo Estado e passam a ser atravessados pela lógica do consumo, o empuxo ao gozo e ao direito de ser aquilo que eu digo que sou.

Para Kaufmanner, tanto Esteban quanto Graciela tocam em dois eixos fundamentais: a referência aos direitos humanos e a certa obturação do sentido. Esteban propõe que o sentido dominante nas práticas legais e de saúde mental é da ordem do delírio — o da racionalidade jurídica capturada pelo neoliberalismo. Graciela, por sua vez, evidencia como esse sentido localiza um protocolo de existência das pessoas que se manifesta em protocolos institucionais que capturam a subjetividade. O sujeito é reduzido ao estatuto que lhe é atribuído. No caso clínico que apresenta, fica evidente como o “protocolo da vítima” elimina qualquer possibilidade de deslocamento subjetivo demonstrando que na lógica vítima-vitimário, o vitimário é o próprio protocolo. A pergunta é como fazer vacilar os significantes que se constituem como delírio dominante.

Kaufmanner sublinha que, nesse cenário, a própria legislação não opera mais como promessa de mediação ou proteção, mas sim como

gestão de corpos e subjetividades, marcada pelo imperativo do gozo. Surge então a pergunta: como resistir a esse delírio dominante? A provocação lacaniana — “a relação sexual não existe” — é trazida como contraponto a esse delírio.

O mal-estar contemporâneo, segundo ele, vem no encontro com a impossibilidade desse imperativo superegóico de gozo.

Nesse contexto, Kaufmanner lança uma questão decisiva: qual o lugar do analista num espaço em que ele não está necessariamente inserido? Como sustentar um discurso que vá na contramão da lógica da eficácia, da gestão e do gozo ilimitado?

Sua proposta é que o analista, a partir de uma posição ética, deve manter uma presença que não convalide o delírio dominante. O trabalho de Graciela é exemplar nesse sentido, pois demonstra como a intervenção analítica pode abrir uma fenda no sentido dominante, um espaço para o furo, ali onde os protocolos construíam uma vítima.

Por fim, Kaufmanner nos convida a pensar: como se faz presente o analista nesse campo dominado pela lógica neoliberal? Como sustentar um discurso que opere em contraposição à máquina protocolar da gestão e da normatização subjetiva?

Resenha por Silvia Jacobo

Revisão por Cristiana Chacon Gallo

MESA 3

Interlocação/Interlocución

por Mariana Isasi

COMENTARIO DE “LA ADOLESCENCIA, UNA SIEMPRE DELICADA TRANSICIÓN” POR CRISTIANE GRILLO

Este trabajo incluye un recorrido muy nutrido en cuanto a sus ejes y referencias. Toma como punto de partida la subversión que produce la llegada de la pubertad al cuerpo del niño, el cual se revela como un íntimo desconocido, una *extranjería* frente a la cual la lengua hablada hasta entonces resulta insuficiente. Lo real del sexo hace un agujero en el saber y el reinicio de la vida sexual requiere de nuevas respuestas.

La referencia bibliográfica que se toma de Doménico Cosenza plantea tres tiempos lógicos del proceso. Quisiera enfocarme en el segundo, el del rechazo a la sexuación como respuesta al agujero que se revela y traumatiza al púber. Así se nombran varias modalidades de este rechazo, entre otras, las respuestas anoréxicas, las adicciones, la desconexión con el Otro, el intento de nominación por la vía del diagnóstico de autismo, las identidades transgénero. Asimismo, se retoma el significante “rechazo” hacia el final del texto cuando se alude al rechazo frente a la alteridad de lo femenino que se pone en juego en todo ser hablante. El mismo puede provocar la multiplicación de semblantes, de identidades, y como dice Miquel Bassols^[1], el alfabeto de géneros siempre resulta insuficiente para nombrar el goce opaco, siempre *queer*. Una pregunta respecto de este punto es: si tenemos en cuenta que la respuesta a la alteridad de lo femenino siempre se incluye en la dimensión sintomática – en la medida en que según el psicoanálisis no hay la normalidad sexual – ¿existen respuestas que no impliquen un rechazo? ¿Existen respuestas que no incluyan una dosis de “no”? Esto

[1] Bassols, M. “Conversación con Micquel Bassols sobre lo *trans*” en *Género, sexuación, cuerpo* de Alvarez, P, Antuna A., Husni P., Klainer E., Mozzi V. y Nitzcaner D., Buenos Aires, Grama, 2022, p.157.

último teniendo en cuenta que Lacan llega a incluir a la mascarada en el registro del rechazo a lo femenino[2].

Otro punto a resaltar es lo atinado de la elección del caso Elisa para pensar la cuestión del “vocabulario”. Cristiane hace una introducción del caso con la articulación entre el personaje de la obra “El despertar de la primavera” – Moritz – perplejo por no encontrar en la enciclopedia una explicación al remolino en el que se encontraba, con la reflexión de Miller respecto del emplazamiento del saber y los cambios en la dinámica del deseo. El saber ya no está en manos de los adultos, lo cual deja por fuera la necesidad de generar estrategias para extraerlo del campo del Otro. Hoy el saber está en el bolsillo.

Para el psicoanálisis no hay más que dos sexos, pero en el plano de las posiciones subjetivas admite el “ni hombre ni mujer” de la elección no binaria. Esto es porque lo que es *género* para el discurso corriente, de la cultura, el psicoanálisis lo toma como *posición subjetiva*.

Significante perdido, cuestiones informulables, diccionarios que no proveen la palabra justa, diccionarios que tenemos en la cabeza y que aluden al inconsciente, discursos que circulan en la *web* y ayudan a nombrar lo informulable, los géneros y sus abecedarios.... En definitiva, varias cuestiones de vocabulario.

Pregunta: ¿Cómo pensar el diálogo, como propone Cristiane, con los discursos identitarios teniendo en cuenta la diferencia de vocabulario en el debate por la despatologización? ¿Qué postura, qué política conviene al psicoanálisis?

COMENTARIO DE: “¿EN NOMBRE DEL HONOR? EL AMORODIO A LO FEMENINO EN LAS PAREJAS” POR GABRIELLA DUPIM

El trabajo comienza presentando la observación de una incongruencia: a pesar de los avances progresistas y el empoderamiento feminista en cuanto a la promoción de la equidad entre los sexos, la violencia hacia las mujeres se ha incrementado. A su vez toma nota de que el odio

[2] Camaly, G. *Los impasses de la feminidad. Goces y escrituras*, en Grama, Buenos Aires, 2017, p. 24.

hacia las mujeres es practicado también por parte de mujeres. Esta incongruencia se disipa como tal si distinguimos la lectura según su perspectiva. A nivel del derecho es una conquista indudable el planteo de la igualdad entre hombres y mujeres, pero eso no garantiza que se traduzca en relaciones armónicas si tenemos en cuenta el campo del goce. A ese nivel no se puede pensar en igualdad, sino más bien en la otredad que plantea el goce, se trate del goce del otro o del propio. Lacan generalizó el rechazo estructural a lo femenino para todo ser hablante, en tanto el goce femenino pertenece al régimen del goce en tanto tal, es fuera de género, es decir, alcanza a todo ser hablante.

El caso de Ângela Diniz es paradigmático. A través del relato que trae Gabriella se pueden observar distintos niveles o estratos del rechazo a lo femenino. El hecho en cuestión es el de un femicidio que cobra nueva visibilidad a partir de una reciente miniserie. Allí sale a luz por medio de testimonios el malestar que provocaba tanto en hombres como en mujeres, la persona de Ângela. La describen como bella, seductora, libre, libertina, gustosa de frecuentar fiestas y consumir bebidas, drogas. Se suma el dato de su imagen pública como mala madre debido a que sus dos hijos no vivían con ella si no con el padre de los mismos en otra ciudad.

Un dato llamativo es que quienes absuelven al asesino confeso por medio del argumento llamado “legítima defensa del honor”, son dos juezas. Dos mujeres de la justicia justifican el crimen alegando que el agresor fue herido en su hombría por la traición de Ângela.

Contemos entonces tres niveles del rechazo al goce femenino en tanto *inatrapable* por medio del significante, del derecho, de la moral, de la maternidad, de la justicia, del insulto, de la violencia, etc.

Los tres rechazos que aquí se plantean son: el del agresor, el de las juezas y el de la propia mujer.

Respecto de los dos primeros nos orienta la pregunta que se hace Miller a propósito del fenómeno del racismo. Afirma que no alcanza con cuestionar el odio al Otro sino preguntarse ¿qué hace que el otro sea

otro?[3] A nivel del significante podemos pensar en la igualdad, en identificarnos, pero siempre a nivel del goce habrá un punto de no identificación, puesto

[3] Miller J.-A., *Extimidad*, Paidós, Buenos Aires, 2010, p. 53.

que es imposible reconocerse en el goce, sea el propio o el que veo en el Otro. Entonces el problema del odio al goce del Otro encubre algo más radical, el odio al propio goce. Eso está en el núcleo del odio masculino o femenino hacia las mujeres o hacia quien encarna ese goce enigmático que se presenta como extranjero. La violencia masculina o la sanción judicial de estas dos mujeres representan un intento desesperado por atrapar la otredad del goce no negativizable.

Respecto del rechazo de la propia mujer: mucho se ha hablado sobre la confusión con el masoquismo[4], y es que en el campo del goce que no se rige por la regulación fálica, al no haber ese límite, esa barrera, una mujer puede estar a merced del goce del otro y privarse de la potestad de su propio cuerpo, por ejemplo. La entrega puede llegar al punto de lo absoluto en tanto una modalidad del estrago. En tanto el estilo de amor es erotomaniaco, la prevalencia de la posición de ser amada favorece la predisposición a permanecer en situaciones de devastación y violencia.

[4] Lacan, J., "Ideas directivas para un congreso sobre la sexualidad femenina" en *Escritos 2*, siglo veintiuno, Buenos Aires, 1987, p. 709.

Gabriella plantea la pregunta de ¿cómo puede la mujer salir de la posición de víctima y evitar la violencia? Es muy interesante el planteo conjunto de la posición de víctima más la violencia, como un par que puede solidificarse, pegotarse. Si tenemos en cuenta la complejidad de esta clínica, fundamentalmente en el punto que está en el núcleo del rechazo, es decir, el rechazo de las mujeres al goce femenino que las habita. Entonces, ¿cómo pensar la práctica lacaniana frente a estos casos? ¿cómo no caer en la trampa querer salvarlas?

Revisión del español: Ana Ibáñez

**A evaporação
do pai e suas
consequências
no laço**

**La evaporación
del padre y sus
consecuencias
en el lazo**

MESA 4

Interlocação/Interlocución

por Lilany Pacheco

NOTAS SOBRE “FALAR COM A CRIANÇA”

As recentes Jornadas dos Observatórios da Fapol, no momento em que se dissolviam, deixaram questões importantes das quais nos ocuparemos, certamente, no XII Enapol que acontecerá em Belo Horizonte nos dias 05, 06 e 07 de setembro de 2025, com o tema “Falar com a criança”.

As perguntas sobre as novidades que as crianças e os jovens trazem colocam questões importantes, com as quais estamos confrontados em nossa prática contemporânea como analistas de orientação lacaniana.

Não é novidade pensar que a infância e a juventude com suas características iconoclastas produzem cortes que mudam os envelopes formais com que as tensões entre as novas e velhas gerações se apresentam. Desde o Antigo Egito há notas da indignação causada pelos jovens que gastavam seu tempo nas festas e gozavam a vida quando as grandes pessoas estavam preocupadas em sobreviver às frequentes enchentes do Rio Nilo.

Perguntamo-nos também sobre o encurtamento entre o instante de ver e o momento de concluir, o que afeta o tempo de compreender. Isso nos faz testemunhar a prevalência dos atos entre crianças e adolescentes, sendo mais visível a face adolescente desses atos, já que as atuações das crianças permanecem, em geral, no âmbito familiar e escolar.

Sobre a erótica do tempo e suas relações com a puberdade e a adolescência, não é característico dessa erótica e do funcionamento pulsional em jogo para o púbere que o tempo de compreender fique esmagado entre o instante de ver e o momento de concluir? Não é esse o impasse ao qual todo ser falante está exposto face às transformações da puberdade? E, quanto à criança, o que o contexto contemporâneo

traz que não estava antes e que podemos testemunhar em nossa prática como psicanalistas?

E, mais ainda, a epidemia das telas mudou as relações das novas gerações com o conhecimento? Se sim, em que medida? Podemos afirmar que o uso das telas introduz um acesso ao conhecimento sob novas condições e em modalidades autoeróticas?

Que medida entre alienação e separação é necessária para que o *falasser* possa alcançar o conhecimento? E em que este conhecimento se distingue do saber e suas relações com o gozo?

Se pudermos nos valer do ultimíssimo ensino de Lacan, podemos pensar que a tela é o corpo - que o imaginário é o corpo. E, em especial, é importante lembrar que, diante da evaporação do pai e do declínio do simbólico, o *falasser* terá que se arranjar com o real, encontrando modos de imaginá-lo. Cabe lembrar que há diferenças entre “imaginarizar” o real e a proposição de Lacan de que há uma inibição para o ser falante no ponto mesmo em que o simbólico não comparece, sendo preciso “imaginar o real”. Como localizar isso em nossa prática? Penso que talvez tenhamos que nos perguntar, também, o que fez com que Lacan chegasse a isso ao final de seu ensino.

Pergunta-se frequentemente sobre as chances de o discurso analítico sobreviver a este contexto contemporâneo: como ser um analista que está à altura da época, como propõe Lacan? O que é ser um analista cidadão? Como levar a psicanálise à cidade – a exemplo do que nos ensinou German Garcia, *in memoriam*, um dos Fundadores do Centro René Descartes, que sempre fez articulações preciosas entre a psicanálise e a cidade: “A Escola de Lacan cuida da cidade dos analistas e os institutos, as redes, cuidam da psicanálise na cidade” –?

No Seminário *Les non-dupes errent* (1974/2014), Lacan assinala uma característica daquele momento histórico: a perda da dimensão do amor, em que o Nome-do-Pai é substituído pela função de “nomear para” (*nommer à*). “Ser nomeado para algo, eis o que se destaca em uma ordem que efetivamente se substitui ao Nome-do-Pai”. É neste ponto que o social ganha relevância, relevância de nó, porque ele tem

o poder de “nomear para”. Desse modo, restitui uma ordem que, afinal, afirma Lacan, “é uma ordem de ferro”.

Aqui encontramos uma articulação preciosa para o tema do XII Enapol, “Falar com a criança”, no qual poderemos articular as dimensões do que se passa no campo da segregação quando o pai se encontra evaporado. Nesse contexto, o *falasser* terá que encontrar elementos na horizontalidade das relações para inscrever seu corpo em dispositivos que permitam o funcionamento da significação fálica e a responsabilização frente ao desvario do gozo.

Revisão do português: Rafaela Vieira de Oliveira Quixabeira

MESA 4

Interlocução/Interlocución

por Lizbeth Ahumada

1. COMENTARIO DEL TRABAJO DE MARCELLA PEREIRA DE OLIVEIRA:

¿QUÉ SE MATA CUANDO SE MATA A UNA MUJER?

Me resulta notable el hecho de que Marcella Pereira de Oliveira no vacila en plantear un trabajo investigativo de campo, más allá de experiencia propiamente analítica. Nos habla de una investigación de cara a la ciudad, en la que explora los factores que inciden en el ciclo repetitivo de violencia contra las mujeres, cuyo desenlace es el feminicidio.

La Babel que genera el término “feminicidio” conlleva difusión e imprecisión en su delimitación jurídico-legal lo cual implica un sinfín de cuestiones: ¿cómo se define? ¿el agente es siempre un hombre? ¿cómo determinar que el modo en que se desata el crimen radica en el hecho de ser mujer? Todas estas cuestiones se relacionan, como lo indica Marcella, con la verdad develada por el psicoanálisis acerca de la inexistencia de la relación sexual o el fracaso del saber sobre el Otro sexo. La hipótesis entonces, a partir de los desarrollos de Jacques Alain Miller, se fundamenta en que las mujeres son vecinas, algo más próximas a un goce no reglado por el falo que se medio dice en el decir de cada una; representando así la confrontación con aquello fuera de medida, insoportable para el que comete la acción criminal. En este sentido, se asesina la posible y enigmática relación de una mujer con lo femenino que la habita.

Dos viñetas clínicas arrojan luz sobre aspectos de la mujer que parecen responder a su aniquilación y que, en la singularidad de la que se trata, Marcella nos dice que puede ser uno de los factores que inciden en la dificultad misma de interpretación de la ley del feminicidio: aquello que queda por fuera de las convenciones.

Una de las viñetas se extrae del campo de la experiencia analítica y otra del campo institucional en la ciudad. Ciertamente, cuando el acto

del feminicidio se consuma, no hay el sujeto que pueda dar cuenta de sus efectos; por lo tanto, la construcción que se haga a partir del estudio se basa en coordenadas preliminares en la escucha del decir de una mujer que da indicios de los significantes que marcan el camino de la violencia y también de su separación.

En este sentido, la viñeta clínica da cuenta de la rectificación subjetiva en la relación con el goce fantasmático del cual se extrae la feroz violencia, bien como objeto que la padece, bien como agente procurador, en un ciclo que se perpetúa por generaciones.

Esta rectificación introduce una conmoción de las identificaciones sostenidas en la violencia como único lazo con el otro y efectúa la transformación sublimatoria que permite una nueva lectura de los lazos posibles. Esta separación brinda una chance para iluminar una zona más allá de las respuestas repetitivas reguladas por la significación fálica a la que están adheridas, saber sobre eso abre un nuevo camino, ojalá acompañado por un analista.

La segunda viñeta, basada en una entrevista en una institución, revela las coordenadas significantes en relación a la concepción que tiene de la mujer, su identificación con la maternidad y el lazo amoroso con la pareja. Vemos, entonces, que los laberintos identificatorios funcionan como trampas frente al hecho del territorio no conquistado por las identificaciones, parece que conquistar ese saber introduce cierta liberación de las exigencias superyoicas que se imponen.

Hay que tomar estas entrevistas institucionales en la temporalidad misma en que se juegan. Es lo que ocurre, por ejemplo, en la concentración temporal de una presentación de enfermos, y el entrevistador está advertido de ello.

Esta última viñeta, extraída de una entrevista, abre a la pregunta por la elección de la pareja a partir de hacer consistir el embrollo, una pareja con ambages, podemos decir. El estrago entonces se dibuja en el horizonte: un hombre puede ser un estrago para una mujer, afirma Lacan.

Quiero preguntar a Marcella: ¿Qué lugar tiene esta consideración en las posibilidades del trabajo, sobre todo en las entrevistas realizadas

en la institución? Sin desconocer que la pareja cumple una función, y que la elección tiene que ver con ésta, por ello el hombre habla al fantasma de la mujer.

2. COMENTARIO DEL TRABAJO: “FEMINICIDIO: ¿QUÉ AMOR ES ESTE, QUE MATA?” DE ANA MARIA FERREIRA

En el trabajo que Ana Maria Ferreira nos presenta, se introduce de manera explícita el tema del amor. En relación al título del trabajo anterior podríamos agregar: ¿qué es ese amor a una mujer, que mata? Tal vez habría que decir que la fórmula lacaniana según la cual el amor hace condescender el goce al deseo muestra aquí su excepcional fracaso, es decir, no siempre sucede. Lo dejo planteado como cuestión por si a Ana Maria le suscita algún comentario.

El texto introduce la idea de Lacan respecto a que la segregación del Otro sexo es el fundamento de la desigualdad. De allí se desprende la paradoja según la cual el esfuerzo incesante por regular y formular medidas legales y de protección de las mujeres no minimizan el fenómeno del feminicidio. Más bien, podríamos decir: a mayor sofisticación de las prevenciones jurídico – legales y del endurecimiento de penas y castigos, mayor es el incremento de la violencia contra ellas. Esto muestra rupturas de brechas sociales o económicas, las que antaño podían darse, o pensar que se daban, como determinadores inequívocos de la violencia. Ahora bien, contar con cifras contribuye al enorme alcance mediático y global de la cuestión, con el apoyo irrestricto de movimientos y activismos feministas. Al respecto Ana Maria nos recuerda la consigna representativa de tales movimientos: “¡Ni una menos!”. En mi país, y creo que también en otros, esta consigna inicialmente era: “¡Ni una más!”, pero la idea de introducir la percepción de una cierta espera a que ocurriera un feminicidio más hizo que las más avezadas en el tema, hicieran una torsión en los términos introduciendo la idea de una sustracción al conjunto, allí donde había adición. En fin, una concesión lingüística que pretende incidir en el conjunto de feminicidios que se cuentan.

La constatación de que los feminicidios ocurren con mayor frecuencia en el marco de la pareja amorosa lleva a que el primer sospechoso sea el partenaire. Ana Maria sostiene que los crímenes no se dirigen contra las mujeres sino contra la Cosa que habita en ellas, si me permiten decirlo así, correlato de la sentencia de Lacan: “Amo en ti algo más que a ti entonces... te mutilo”.

La idea que nos presenta el trabajo de Ana Maria Ferreira es que es necesario hacer del lazo amoroso un lazo sintomático para dirigirse a otro, lugar que el analista puede ocupar. Una mujer que decida firmemente romper el circuito infernal de la violencia, rectificando su posición de sometimiento y despejando el inminente riesgo de cruzar el umbral de la muerte a manos de otro, implica estar a la altura de tal decisión, al igual que quien la acompaña y la acoge. Es verdad que muchos dispositivos asistenciales de diverso orden no parecen estarlo, por múltiples razones, pero la razón esencial es que la tarea los deja exhaustos, se topan una y otra vez, con la roca incólume de lo imposible y ¡se cansan! Llegan hasta ahí. Lo imposible es el límite de la acción, la piedra que sella el camino de la buena labor. El analista, en cambio, sabe que lo imposible anida en su acción, es lo que la orienta. Es decir, partir de lo imposible constituye el principio de la acción. En este sentido, la importancia de la presencia del analista en los escenarios que tienen como tarea apoyar las decisiones de un sujeto introduciendo el oxígeno que, aunque no lo parezca, procura la imposible reducción al dato como cifra, permitiendo que sólo en la fisura de los protocolos se pueda alojar la indeclinable decisión de una mujer. No retroceder entonces ante la fiebre generalizada de la llamada prevención estandarizada, y desde allí descompletar la idea del control de las variables, puesto que la única variable en juego, como centro de la acción analítica lacaniana, es la variable-sujeto, de hecho y por definición, incontrolable.

Por último, quisiera preguntar a Ana Maria si existen los espacios de resignificación de historias, donde como ella lo dice, se pueda saber que la demanda de amor en la mujer es la lengua que un hombre convierte en la lengua de sus ideales, y agregó: saber esto, no es poco.

**O que pulsa nos
observatorios: efeitos
de formação entre
elaboração e real**

**Lo que palpita en los
observatorios: efectos
de formación entre
elaboración y real**

MESA 5

Interlocação/Interlocución

por Débora Rabinovich

Hola a todos. Les voy a hablar sobre dos trabajos: el primero se refiere al Observatorio “Violencia Contra las Mujeres”. El segundo, al de “Género Biopolítica y Transexualidad”. Uno de los trabajos que me interesa especialmente es “Dignidad y discurso” de Paola Salinas y el otro es “Lo femenino como objeto de violencia” de Claudia Murta. Son dos observatorios diferentes. Sin embargo, encuentro un punto de intersección entre ambos, y es la violencia dirigida a lo hetero.

Antes de entrar en el recorte que preparé sobre cada texto, quiero comentar que tomo esta hermosa invitación a participar de esta jornada de los Observatorios de la FAPOL, como un ejercicio de lectura.

Esta posibilidad me resulta de sumo interés, por lo cual, quisiera comenzar dirigiéndome a las autoras: les pido que me digan si mi lectura de sus textos les parece acertada, o si dejé alguna idea importante de lado, ya que se trata de un recorte, y seguramente no abarca toda la riqueza de sus textos.

Comienzo por “Lo femenino como objeto de violencia” de Claudia Murta. Ella toma un caso verdaderamente terrible de transfeminicidio. En algunas entradas del diccionario se define este término como “asesinato”; en otras, como “discriminación a mujeres trans por ser mujeres y por ser trans”.

Claudia aborda su caso desde dos perspectivas diferentes. Por un lado, desde el punto de vista del sujeto, que sufrió la aterradora agresión. Pero también, nos muestra otra visión del tema y podemos abordarlo desde una perspectiva social, con el transfeminicidio como eje.

Si nos centramos en el sujeto, observamos que antes de la espeluznante golpiza, había encontrado de algún modo un esquema funcional a su vida.

La agresión que sufre este sujeto no lo mata, pero resulta tan brutal que resquebraja su sistema por completo.

Esta tragedia, que ocurrió de un modo repentino e inesperado, lo obligó a armar un nuevo punto de identificación sobre el cual reconstruirse. En el trabajo terapéutico que realiza el sujeto intenta hacer el duelo de aquella parte de sí que se destruyó, y construir un nuevo punto de apoyo.

En relación al transfeminicidio como problemática social, la autora se sostiene de la teoría de Judith Butler, que plantea que “la violencia se produce por causa del no reconocimiento de la violencia desde el punto de vista legal”. Dice, “Si no hay denuncia no hay delito, no hay castigo y no hay reparación”. Respecto de este postulado, yo le diría a Judith Butler que sí, pero...

Para este “pero”, me apoyo principalmente en algunos Escritos de Lacan, que me parecen tan fundamentales como imprescindibles para abordar estas cuestiones desde lo social. Sus desarrollos en “La agresividad en psicoanálisis” y en “Las funciones del psicoanálisis en la criminología” nos ayudan a pensar el problema del transfeminicidio desde una óptica que no se centra solo en la vulnerabilidad de las víctimas, como plantea Judith Butler, sino que lo considera desde una perspectiva multifactorial, donde cuestiones como el odio hacia lo hetero, el odio al goce del otro, entra en juego. Se destruye, de este modo, lo que no es simétrico, lo que no es complementario. Fundamentalmente lo que no es simbolizable del goce del otro.

Para finalizar mi comentario respecto de este primer texto, quisiera tomar el Seminario 20 de Lacan, donde plantea que a la mujer se la difama.

Hace un juego de palabras con este significante: difama, que en francés se escribe *diffâme* y se escucha *dit-femme*, dice mujer. Puesto que se la dice mujer, y al mismo tiempo se la difama. Es decir que se la deshonra, calumnia, ultraja y denigra.

Me referiré ahora al segundo trabajo: “Dignidad y discurso” de Paola Salinas. En este texto, la autora destaca la importancia de conocer las incidencias de los discursos imperantes en la época, algo que también se trabaja en el texto de Claudia Murta y resulta un eje central de los

observatorios. En relación a esto, quisiera traerles una frase que me resultó tan simpática como interesante. La misma es dicha por J.-A. Miller en el libro *La solución trans* y refiere a la célebre cita de La Rochefoucauld, autor francés del siglo XVII: “¿Cuánta gente no hubiera amado jamás si no hubiera oído hablar de amor?”. Al respecto, Miller comenta: “si no hubiéramos oído hablar de transición, ¿habría el mismo número de trans?”.

Esta reflexión de J.-A. Miller, responde en parte a la inquietud de Paola Salinas al observar la época.

Lo central, a mi parecer, en el texto de Paola Salinas, se ve reflejado ya desde el título. Ella coloca la dignidad en el centro, del lado de la singularidad, más allá de las identificaciones. Así, tomando la dignidad como eje, la autora avanza hacia lo más singular que ofrece el psicoanálisis.

La dignidad podemos hallarla entonces en los pequeños divinos detalles de cada caso. En psicoanálisis, lo trans no lo pensamos como una solución general o ideal, sino que debemos ir al más mínimo detalle de cada sujeto que desee tomar esa vía.

Paola Salinas da cuenta del esfuerzo necesario para separar al trans de los discursos imperantes de la época. Lo que permite pensar lo trans no como fenómeno general, sino en el uno por uno. Debemos considerar a cada sujeto con su diferencia absoluta.

Les leo el texto de Paola. “La dignidad de una diferencia. Esta dignidad es una dignidad sinthomática que implica el punto más singular de un sujeto, es la diferencia con cualquier identificación compartida. No se comparte con nadie”.

Hay una pregunta central que se hace la autora y que no alcanzo a comprender, no me queda del todo clara: “¿Somos capaces, considerando lo que Éric Laurent denomina ‘el paradigma trans y sus consecuencias’ de hacer reverberar lo que escapa a toda existencia?”.

Quisiera que nos cuentes, Paola, qué es lo que Éric Laurent considera el paradigma trans, pero también que nos indiques qué es aquello que escapa de toda existencia. Imagino que, al hacerte esta pregunta, tendrás una posible respuesta.

¡Muchas gracias a las autoras, muchas gracias por su atención! Espero que ahora dialoguemos sobre estas cuestiones.

Revisión del español: Soledad Torres

MESA 5

Interlocução/Interlocución

por Heloisa Prado Telles

Início meus comentários pelo título dado à mesa, do qual destaco: *efeitos de formação entre elaboração e real*. Interessante proposição, instigante, mas igualmente difícil – exige, assim, de nossa parte, desenvolver seus alcances.

Hoje, como temos o privilégio de poder fazer ressoar a rica conversação de ontem, servir-me-ei de alguns temas que considero cruciais num momento em que, tal como dito na Abertura por Fernanda Otoni, trata-se de concluir a experiência de cada Observatório. Dentre eles, a questão já colocada na primeira mesa acerca da “diferença entre Observatório e Escola” ou, ainda, as considerações que giraram em torno da “articulação entre Observatório e Escola”.

Será que poderíamos arriscar dizer “efeitos de formação entre Observatório e Escola”? Parto desta interrogação.

Eliane Kogut e Ishtar Rincón, integrantes do *Observatório Gênero, Biopolítica e Transexualidade*, abrem, com seus textos, muitos caminhos para prosseguirmos.

Eliane nos relata um percurso que se inicia com uma pesquisa num programa de doutorado, em torno do tema “*Crossdressing* masculino”. Nos esclarece que, no início dos anos 2000, o *Brasílian Crossdressing Club* (BCC) “funcionava como um grande guarda-chuva para todas as pessoas que se definiam como transgêneros” – dessa maneira, Eliane depara-se inevitavelmente com o tema da transexualidade.

O encontro com o ensino de Lacan ocorre posteriormente; ingressa num curso oferecido no âmbito de um Instituto, a CLIPP, e, via seu trabalho de monografia, foi possível uma nova leitura de um caso atendido na época de seu doutoramento. Segue-se sua entrada no *Observatório Gênero, Biopolítica e Transexualidade*. Este percurso está condensado no título dado a seu texto: “Do *Crossdresser* ao Transexual, de Freud a Lacan”.

O seu texto cursa de maneira que podemos entrever os efeitos produzidos, e destacaria dois pontos em torno dos quais Eliane, parece-me, sustentou suas elaborações na experiência do Observatório.

Primeiro, a questão da *despatologização*. A cito: “[...]é imprescindível despatologizar a transexualidade, sem deixar de lado a dimensão do *pathos* inerente ao sexual”. Questão lançada em diversos momentos na conversação de ontem, e que exige que tenhamos, em primeiro lugar, as coordenadas do que seria, na atualidade, uma “patologização da transexualidade” pelos discursos os mais variados. A seguir, que façamos uma distinção entre o termo “despatologização”, tal como Eliane formula ao dizer “é imprescindível despatologizar a transexualidade”, e um fenômeno de nossa época colocado por J.-A. Miller ao nos introduzir no tema da despatologização sob outra perspectiva: a reivindicação igualitária se traduzindo no desaparecimento programado da clínica[1], desaparecimento este que nos toca de maneira ampla e contundente[2].

Segundo ponto: *a articulação dos eixos epistêmico, clínico e político*, a partir dos quais o trabalho deste Observatório se orienta.

A respeito, ela nos diz: “É muito útil poder trabalhar com a invenção que cada sujeito faz [...] e equacionar suas questões, pensando na dimensão coletiva.”

Por que, nas experiências dos Observatórios que ouvimos ontem, os casos ou as vinhetas clínicas, ou ainda as situações institucionais que exigem que o analista sustente o discurso “que lhe convém”, tornaram um lugar central? Refletindo sobre pontos candentes das discussões, diria: não se trata do que fazer quando nos deparamos com os limites ou demandas que se impõem – nas instituições, nos programas de atendimento, seja lá onde estejamos. Trata-se, sim, e isto é um efeito de formação da orientação lacanianiana, de como o analista responde quando se depara com o real intrínseco a cada caso.

[1] Miller, J.-A. *Todo mundo é louco. Scilicet Todo mundo é louco*. EBP: São Paulo, 2024, p. 18. Apresentação, em 03/04/2022, do tema do Congresso da AMP *Todo mundo é louco*, que ocorreu em Paris em fevereiro de 2024.

[2] Cito Miller: “Tudo anuncia que a clínica será coisa do passado. Cabe a nós alinhar nossa prática a essa nova era, sem nostalgia, sem amargura, sem espírito de vingança”. *Ibid*, p. 19.

O que aporta a psicanálise, frente aos outros discursos, somente pode ser extraído da prática analítica. Por isso, os Observatórios – esta é minha proposta para discussão – *se servem da prática analítica* (destaco aqui o *se servem*), para que sejam, efetivamente, Observatórios da FAPOL, ou seja, orientados pelos efeitos de formação que somente a Escola pode dispensar[3].

Este ponto é desenvolvido e construído passo a passo, e com primor, por Ishtar em seu texto “Una mirada al observatório”.

Relata seu percurso no Observatório, no qual ingressa em 2017 pelo desejo de trabalhar sobre o tema “Gênero, Biopolítica e Transexualidade”, como associada da NEL Maracaibo e praticante da psicanálise. Depara-se também, como professora universitária, com o interesse dos alunos pelo tema e, ainda, com o fato de que em seu país, Venezuela, estava em gestação uma lei contra a discriminação das pessoas LGBTQ+. Temos os três eixos aqui enlaçados no desejo de Ishtar em direção ao Observatório, “para poder ler”, a cito, “em tempo real o que acontecia com estes discursos que tinham, cada vez mais, lugar no coletivo”.

No entanto, não ingressa sem se perguntar o que é um Observatório. Foi fundamental definir o significante “Observatório” para se colocar a trabalho e “delimitar os alcances em relação às Seções da NEL”, ou seja, em relação à Escola.

A seguir, nos coloca o que permitiu dar um passo a mais: as coordenadas foram dadas pelo fato de que o Observatório se situa “dentro da FAPOL, onde os participantes estaríamos orientados por uma formação e pelo trabalho clínico. Observamos com nosso principal instrumento: a formação psicanalítica e a prática clínica na cidade”. No entanto, ela se pergunta: “O que se faz com o que se observa?”

Observa-se “não para realizar um pronunciamento ou defesa, mas para estar *alerta ao novo e ao que isto implica para a psicanálise*”[4]. E onde observamos? | [4] Grifos meus.
 “Em nossa prática”, nos propõe Ishtar. Não deixei

[3] Lacan. J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 249.

de me surpreender com a clareza desta formulação. Isso não me parecia evidente.

Também nos diz que a experiência do Observatório nutre a *vigência de nossa prática*. Advertidamente, Ishtar não diz “nutre nossa prática”, mas, sim, *a vigência* de nossa prática. Temos, assim, mais uma baliza colocada com muita precisão.

Para concluir, diria:

Elaboração seria um significante apropriado para definir o que se produz em um Observatório? Refiro-me aqui ao trabalho conjunto que os integrantes realizam. E como esta experiência pode ser transmitida para a Escola ou, ainda, incidir sobre ela?

A prática analítica, e a dimensão do real em jogo em cada caso, em cada situação, não seria justamente o que faz furo e impede que esta elaboração, a dos Observatórios, adquira uma consistência indesejável? Tanto em relação à própria clínica quanto à interpretação dos fenômenos da época?

Revisão do português: Camilla Baratto

**Falar a língua
do Outro**

**Hablar la lengua
del Otro**

MESA 6

Interlocução/Interlocución

por Giselle Cardozo Stabile

UM CORPO ESTRANHO

Muchas gracias Silvia. Buenos días a todos, voy a comenzar dando las gracias también al Bureau de la FAPOL, a Fernanda, a María Hortensia y Gabriela por la invitación. Diré que justo el eje que nos pone a trabajar hoy: “*Hablar la lengua del Otro*”, me parece crucial para sostener los principios y volver a los fundamentos de la teoría psicoanalítica, haciendo que la transmisión pueda ocurrir, así como lo hacemos ahora en un diálogo sostenido con la ciudad e incluso en las diversas lenguas.

Los dos trabajos que voy a comentar, uno es del Observatorio de Género -que paradójicamente también encarna una cuestión de violencia- y el otro Observatorio de Violencias.

Lo que me llama la atención y me parece también importante, es que ambos trabajos inician con las participantes dando cuenta de su experiencia en el observatorio, y cada una hablando también de sí mismas, quizás también de allí se podrán extraer algunas preguntas...

El texto de Leny presenta un recorrido de lo que fue su participación en el observatorio, con un hilo conductor que suele ser complejo, pero también muy fecundo. Al abordar un tema de actualidad en relación a su presencia en lo social y su enlace a las políticas públicas, para luego, articularlo a dos de las profesiones imposibles, según Freud... educar y psicoanalizar. En este caso, no lo sería *per se*, pero servirse del discurso analítico y de la presencia del psicoanálisis en la Universidad, abre un marco de posibilidades diferentes al tratamiento que se le ha dado a estos temas desde el marco sociopolítico.

Uno de los puntos que propones Leny, es con relación a la ciudadanía de estos sujetos y de poder hacerse un lugar en lo social a través del psicoanálisis de orientación lacaniana. Con relación a eso, lo primero

que debo decir es que no me parece poca cosa, este interés de alojar, y de alguna forma localizar algo del sufrimiento de dichos sujetos, que de hecho nos vuelve a poner en relación con lo que les comentaba a partir del sintagma que nos convoca, por la similitud del quehacer en el discurso analítico y su praxis.

Planteo una primera pregunta, ¿qué relación de estos sujetos trans con el *saber*, enmarcado en lo académico y la posibilidad de estudiar?

Pero también aparece un punto de discusión con relación al nombre social. Sabemos de la importancia que tiene el nombre... y esto lo enlazo a uno de los puntos que propone un observatorio, sobre la libertad en la elección del tratamiento de los sujetos. Quería preguntarte Leny, ¿qué dirías de estos dos ejes: *el saber y el nombre*? Creo que justo son dos de los puntos que ponen esta cuestión social muy cerca del terreno que nos atañe.

También quiero decir que en una parte de tu texto haces referencia a la frustración que experimentabas, el efecto de transferencia negativa, y como, en tus palabras, la propuesta analítica no logró hacerse presente. De hecho, hablas del estatuto de *cuerpo extraño* haciendo la equivalencia de los mismos estudiantes trans en el sistema escolar público... En relación con eso, estos son cuerpos que sufren, pero que, de acuerdo con lo que planteas, no solo pueden ser leídos en su dimensión individual, sino que articulan toda una cuestión con el Otro social. Creo que entonces valdría la pena poner sobre la mesa una premisa de Lacan, en este momento y en la inversión que se puede producir... pasar de hablar de la política del inconsciente que nos deja del lado de los fantasmas, angustias y sueños, a poder decir: “El inconsciente es la política”, y el lazo que estos temas proponen, tal como lo decía Freud desde “Psicología de las masas y análisis del yo” en relación con lo individual y lo colectivo como inseparables.

Al finalizar el texto planteas el estatuto de una *fagocitosis*, pero me parece más bien que abre muchas puertas, aún por definir. En uno de tus párrafos planteabas que te invitaron a participar en una reunión con los estudiantes del gremio para discutir la aceptación de estudiantes trans.

No me parece poco el alcance del trabajo en el enlace con la Universidad y que haya derivado en esto. Pero lo que me parece muy lindo,

paradójicamente, es que creo que lo que se produjo fue un viraje de la impotencia a lo imposible. En el texto tomas el eje de la frustración y la dificultad, pero tuviste una conversación y al menos uno quedó impregnado del discurso analítico y consintiendo al dispositivo...

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: AFASTA DE MIM ESTE CALA-SE!

Waleria, presenta un trabajo en relación con el impacto que tuvo un libro y la articulación de algunos discursos, no solo en su subjetividad sino como herida social con un enlace importante al dispositivo analítico, punto que me pareció sumamente interesante. Se toman varios elementos de la posición del analista, de ese analista que tiene que estar a la altura de su época, y marcas la necesidad para apoyarse en la formación, del análisis, la supervisión y el estudio. Pero también en el texto, avanzas entre líneas a decir que el tratamiento de estas identificaciones se produce en cada diván. Cuestión con la que estoy completamente de acuerdo.

Uno de los puntos que tomas a partir de tu lectura de este libro tiene que ver con el hecho de haber sido colonizados, tocando puntos de servidumbre, libertad, posición social, la degradación de la mujer, caza de brujas, todo esto en un contexto europeo, pero con tu interés de leerlo en latinoamérica.

En ese sentido pensaba en lo colonizados que también estamos, inherentemente por el lenguaje, por el sentido y por el fantasma. Los efectos de dominación son efectos de discurso y ante esto la pregunta por la docilidad y el cómo rebelarse de la buena manera, como plantea Miller, sería uno de los puntos que me gustaría traer a la conversación, justamente cuando se logra ubicar la relación que tenemos con nuestro propio goce y las identificaciones.

Quería saber si podías decir algo de tu lectura, sobre este libro, que te permite desplegar todo este trabajo.

Hablas también de un analista que fija posición y eso inevitablemente me recordaba dos frases. Una de Éric Laurent y otra de Jacques-Alain Miller. Cito a Laurent: *“El resultado al que debe llevar un psicoanálisis no*

es el de adaptarse al mundo, sino saber que cuando algo es insoportable, hay que poder verdaderamente decir que no”, entiendo que esto lo dice en un ámbito clínico, en el marco de un análisis, pero creo que viene muy bien a la luz de este punto social y en relación sobre este “fijar posición”, no del lado de las identificaciones sino justamente de poder decir *no*, cuando hay algo que se excede y que toca la vida de otros. En este caso, con la elección de tu título, del lado del callar, de la censura y de cuando algo pone en *jaque* la libertad de la palabra.

Por otra parte, Miller, en *Todo el mundo es loco*, dice: “*Porque para estos imbéciles la imagen que el analista debe dar es de quien se traga todo, la del flemático*”, de nuevo, lo dice en otro contexto, pero fue algo que me evocó la lectura de tu texto. Creo que como el eje que propones tiene que ver con la posición del analista, viene muy bien pensar que todos estos puntos si bien son temas en el terreno de lo social, al articularse al discurso analítico, vale la pena recordar que ni nos tragamos todo con relación a consentir a todo aquello que pueda traer un sujeto, bien sea a una sesión o como fenómeno social, y tampoco en la línea de la asociación libre a todo decimos que sí, ni alojamos cualquier posición subjetiva.

Trabajas también el ejemplo de la película *Roma*, donde traes como recorte las relaciones entre mujeres y hombres, así como también las relaciones entre mujeres y sirvientas y dices que, si bien está enmarcado en un contexto específico, no difiere mucho con otros países en relación a lo sometida que puede estar la mujer a su marido y todas las relaciones sociales.

Pero hay un punto que me parece importante también para interrogar, que es cuando estas mujeres que reciben dicha agresión que aparece desde el lugar de la servidumbre, luego repiten las agresiones y se identifican al agresor. Pensaba en las huellas, y las deudas del discurso, en las que todos estamos inmersos, pero me interrogo por el estatuto de la agresividad inherente al ser hablante...

Como lo planteas en una parte de tu texto, el *inconsciente sexista* no existe siguiendo a Miquel Bassols, la diferencia de los sexos tampoco

existe en el inconsciente. En ese sentido, si bien ocurren las atrocidades que ocurren y tenemos los índices lamentables de violencia hacia la mujer, te preguntaría, ¿qué del goce en juego? sobre todo en este ejemplo que traes de una película donde esto se repite. Y aparte aparece la agresión y la identificación entre mujeres, donde ya no quedaría solo con relación a los maridos y la servidumbre.

No he podido ver la película, pero quizás tu puedas decir algo sobre ese punto, justo por el enlace que hacías en el machismo estructural, preguntarte, se trataría del modo de organización alrededor del falo en la civilización o si esto implicaría un punto más...

Para finalizar, estoy de acuerdo con lo que planteas sobre el lugar del analista y el poder ir más allá de la política de las identificaciones, para justamente poder mantener un margen de separación con el fantasma, el propio, y todos los artificios y elementos sociales para poder operar. Me parece interesante ya que, si bien hay ciertos fenómenos que amenazan la palabra con relación a la posición del analista, te preguntaría ¿equiparas esto que trabajas hoy en relación con lo social y a la violencia hacia la mujer, al estatuto del tratamiento de las identificaciones que nos habitan y que se despliegan en una experiencia de análisis?

Revisión del español: Katya Schwazenber.

MESA 6

Reseña interlocución

por Marcelo Veras

Marcelo Veras considera que en los dos trabajos es posible identificar la acción del psicoanálisis en el mundo restaurando el carácter de extimidad del objeto *a* en tanto no pertenece ni al sujeto ni al Otro. Considera que una de las funciones del Observatorio es localizar dicha extimidad.

El trabajo de Claudia Lázaro “¿Podrán soñar los niños?” le evoca a Charlie Brown que decía que cuando tenemos todas las respuestas la vida cambia todas las preguntas. Destaca que los niños siempre les formularon preguntas difíciles a sus padres: ¿cómo nacen los bebés?, ¿qué están haciendo cuando cierran la puerta? Esas preguntas insisten y hoy se observa que los padres responden mucho más de lo que ellos precisan saber.

Establece que el texto de Claudia invita a considerar una cuestión central en el campo freudiano: la evaporación del padre y el retorno del padre feroz que se observa en países donde los valores democráticos son progresivamente sustituidos por valores morales.

Comenta que su trabajo trata sobre el control social y estatal sobre los cuerpos de las mujeres, especialmente durante el embarazo. El feto siempre fue, según su opinión, una de las manifestaciones del objeto *a* en el sentido que puede causar el deseo de la mujer o puede tornarse un objeto extraño que a veces debe ser eliminado, entrando allí en consideración la cuestión del aborto. Destaca la crítica que realiza la autora en la que resalta que cuando el Estado se enfoca en la “humanización del feto” ignora el deseo de la mujer substituyéndola por una lógica moral. Menciona experiencias en Minas Gerais donde las madres toxicómanas son separadas de sus hijos de modo autoritario y violento.

Destaca que a partir de los trabajos piensa que una de las funciones de los Observatorios es la de formular preguntas.

Respecto del filme “Anatomía de una caída”, trabajado por Daniela Castresana, considera que la cuestión central no reside en si la mujer mató o no a su esposo sino en que la mujer hable tal como lo manifiesta explícitamente la directora del filme.

Retoma una entrevista realizada a la escritora Patrícia Melo en la que dice algo fundamental: la violencia contra la mujer no tiene edad, clase social, ni color de piel, lo que sí tiene es género.

Se aproxima a las reflexiones de Daniela retomando un texto de Jacques-Alain Miller “Nada más humano que el crimen” en el que comenta el libro de Silvia Tendlarz y Carlos D. García en el que se formula una cuestión crucial: el derecho inspirado en el psicoanálisis debería distinguir entre lo verdadero y lo real en el sentido en que lo verdadero nunca logra recubrir lo real.

Marcelo Veras dice no tener respuestas, pero sí nuevas preguntas. Lanza entonces una provocación al preguntarse si una de las funciones de los Observatorios sería la de transformar los discursos que escuchamos en el Otro en discursos históricos que van a interpretar la Escuela, la histórica siempre trae nuevas preguntas, de este modo no quedaríamos nosotros interpretando paralizados con las mismas respuestas.

Reseña por Silvia Jacobo

Revisión por Soledad Torres

**Feminização do mundo:
do universal ao singular
e seus restos**

**Feminización del mundo:
de lo universal a lo singular
y sus restos**

MESA 7

Interlocução/Interlocución

por Estela Carrera

**Comentario – pregunta sobre el trabajo titulado:
Femicidio, el profundo silencio de la muerte.**

Marcelo Marotta se interroga acerca de qué impulsa al acto homicida dirigido a mujeres.

Se sirve de la incidencia del psicoanálisis en singular en una presentación de enfermos. Hace una lectura de las coordenadas particulares de un goce extraviado que conduce al acto. Cito: “en principio homologaremos al femicidio con el profundo silencio de la muerte ya que se presenta como una respuesta posible ante el goce de la mujer, allí donde mueren las palabras”.

Me ha interesado mucho el caso de la presentación de enfermos, me pregunto si podemos decir que ahí hay dos muertes: la subjetiva y la muerte física de su mujer.

Quería preguntarte acerca del analista, en el contexto de una institución de salud mental, nos dices que, “puede ser tanto un infiltrado como un promotor o transmisor de los efectos de su clínica, depende de cada situación”. Este punto me interesa particularmente para conversar.

¿En qué punto encuentras que este trabajo puede ser útil al psicoanálisis en los diversos contextos sociopolíticos en los que los colegas desarrollan su práctica?

¿Cómo interpretar el incremento de femicidios y su articulación a las denuncias previas y medidas cautelares dispuestas por la justicia?

Comentario – pregunta, sobre el trabajo titulado: Hobbes vs Locke

Juan Pablo Mollo analiza minuciosamente el ensayo de Hobbes “Leviatán” y el ensayo de Locke “Sobre el gobierno civil” y arriba a una conclusión. Lo cito:

A pesar de la polarización política entre Hobbes y Locke, en ambas teorías del contrato social, existe el germen extrajurídico de un empuje universalista. Por ende, más allá del dilema político entre los semblantes de soberanía o de libertad, la cuestión real está en la lógica de poder que subyace a tales derechos.

Fin de la cita. Es decir que, en dos perspectivas completamente opuestas, subyace una misma lógica de poder: la ausencia de excepción que empuja al todo. “Lo ilimitado en lugar de articularse con el no-todo se vuelve universal negativo”. Entonces, podríamos decir que las lógicas de la sexuación se ven reflejadas en la política: una lógica del poder del lado izquierdo (lo limitado) y otra lógica de poder del lado derecho (lo ilimitado).

¿En qué punto encuentras que este trabajo puede ser útil al psicoanálisis en los diversos contextos sociopolíticos en los que los colegas desarrollan su práctica?

Me gustaría preguntarte si interpretas una caída del valor legislativo en los estados democráticos latinoamericanos. ¿si hay un denominador común en Latinoamérica o hay dificultades muy diferente en cada lugar?

Revisión del español: Juan Pablo Bitar

MESA 7

Interlocução/Interlocución

por Viviana Berger

TEXTO: SOLUCIONES, INVENCIONES, TRANS-FORMACIONES: UNA APUESTA ÉTICA CON EL PSICOANÁLISIS POR ELIANE COSTA DIAS

Eliane comienza el texto planteando dos preguntas:

1. ¿En qué sentido *lo trans* puede ser tomado como un paradigma?
2. ¿Qué nos dice sobre el malestar actual de la civilización?

La primera pregunta es respondida por ella más adelante:

“Mi hipótesis: lo trans puede tomarse como paradigma de nuestro tiempo si se interpreta como síntoma, como tentativa de solución, tentativa de saber cómo hacer frente a lo que empuja al goce y al ‘uno-individualismo’ que caracteriza al lazo social en la evaporación del Padre”.

Quizás podrías ampliar un poco esta hipótesis y enlazarla con la idea de Éric Laurent respecto del paradigma *trans* (como rasgo de la subjetividad de nuestro tiempo) que acaba sobrepasando la experiencia transexual, haciendo de lo *trans* casi “un estilo de vida, un modo de goce, producto y efecto de los discursos de la época” como él lo refiere.

Respecto de la segunda pregunta: ¿Qué nos dice sobre el malestar actual de la civilización?, reflexionaba sobre el problema de la segregación que se encarna en las sexualidades no hegemónicas que, en tanto tales, interpelan el ordenamiento de la sexualidad bajo formas universales.

En este punto me parece muy pertinente la propuesta de la política de la singularidad por la cual se orienta la clínica del psicoanálisis, la “clínica de las soluciones”. Tienes alguna respuesta para la pregunta que planteas hacia el final: ¿Cómo los psicoanalistas podríamos hacer pasar una ética orientada por la dignidad de la diferencia?

TEXTO: UN HOMBRE HUMILLADO POR OSCAR REYMUNDO

En su texto Oscar Reymundo plantea varias preguntas que surgen en el intento de pensar la correlación entre el incremento de los actos de violencia contra las mujeres -en particular, de los feminicidios- y la época, observando que la caída del Otro de la ley incide sobre la (im) posibilidad de una orientación de los goces hacia lazos sociales en los que pueda tener lugar la diferencia, en la medida en que lo que se impone es un estatuto de la ley: “imaginaria, absoluta e indiscutible” que se corresponde con el propio carácter “radicalmente inadmisibles de la castración en la lógica neoliberal”. Esta “nueva” condición de la ley me parece clave para reubicarnos en la contemporaneidad.

Ahora, me pregunto, si la actualidad nos evidencia que a partir de la forclusión de lo simbólico se fortalece la ultra derecha, si el correlato de la pulverización del Padre es la erección de un Padre absoluto, desconocedor de la castración que, frente a la prescripción del modelo viril que se sostenía bajo la lógica del “tener” y las “insignias fálicas” (esto parece haber caducado), reconfigura su condición sexual bajo la estampa que promueve Bolsonaro: Imbrochável (neologismo: erección firme ante una mujer) – Imorrível (inmortal) – Incomível (incomible por otro hombre). ¿Será que es ahora el odio la pasión que comanda la inexistencia de la relación sexual, cuando en el siglo pasado Lacan propuso el amor como suplencia a la relación sexual que no existe? Al final de tu texto mencionas los crímenes de odio, dirigidos contra lo femenino, contra ese goce opaco, extraño, ¿qué más podemos reflexionar al respecto?

Revisión del español: Verónica Paola Montenegro

**Novas subjetividades:
segregação e recusa
na época do Um sozinho**

**Nuevas Subjetividades:
segregación y rechazo
en la época del Uno solo**

MESA 8

Interlocução/Interlocución

por Ana Lucia Lutterbach

Agradeço à Fernanda Otoni e ao Bureau da Fapol pelo convite para participar desta mesa.

RESUMO DO TEXTO DE BEATRIZ

Com o título “Beleza feminina: paixões e violências. No caso dos rostos profanados”, Beatriz Moreno se interroga sobre a articulação entre a beleza feminina e a violência em casos de mulheres queimadas com ácido, principalmente no rosto. Ela se baseia nas mulheres agredidas. Beatriz aborda esses “delitos contra a beleza” como uma paixão – uma paixão que estaria na intersecção entre a impossibilidade de possuir a beleza e o insuportável que essa beleza presentifica.

Para falar da beleza, Beatriz refere-se às paixões em Lacan, tal como Laurent traz em seu Seminário *As paixões do ser*[1] e como Miller aborda no curso *Extimidade* [2]. As paixões do ser são paixões da relação com o Outro, e não em relação à própria alma. Amor, ódio e indiferença: são paixões que se inscrevem no momento em que Lacan definiu o sujeito do inconsciente como falta a ser, o sujeito que está sempre em busca de sua representação, que busca no Outro aquilo que vai recobrir sua falta-em-ser.

[1] LAURENT, E. *As Paixões do parlêtre*. Salvador: Escola Brasileira de Psicanálise, 2024.

[2] MILLER, J.-A. *Extimidad: los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller*. Buenos Aires: Paidós, 2010.

No último ensino, como ressalta Laurent, Lacan define o sujeito, não mais como falta a ser, mas como *parlêtre* – e, aí, refere-se às paixões da alma, essencialmente, tristeza e mania, como sentimentos que se experimentam com o corpo, sobre o corpo; o corpo que se sustenta pela imagem, que se rompe e dá lugar ao corpo pulsional e a um gozo insuportável. A beleza é, aí, a própria presença do corpo além da

imagem. As referências, aqui, são: Antígona, Duras, Joyce e Schreber. Eu cito Beatriz: “Os corpos-imagem agredidos, profanados pelo ácido, dão lugar ao vazio do espelho e a um corpo bolsa-pele informe, furado, envoltura de paixões, que ante a falta de consistência imaginária e do reconhecimento do Outro que lhe permite circular no simbólico, se situam em um limbo sem forma. Dos casos estudados, vale ressaltar que depois do trauma, algumas não sobrevivem, morrem ou terminam se suicidando, outras, apoiadas em algum resto de gozo pela vida, se recompõe e outras identificadas à posição de dejetivo, se convertem em agujero-goce-sin-rostro.”

COMENTÁRIOS E QUESTÃO

Beatriz, achei muito interessante sua abordagem da beleza através das paixões, sendo uma boa maneira de abordar esses casos de violência contra a beleza feminina. No entanto, chamou atenção o fato de que você aborda, com razão, tanto as vítimas quanto os autores da violência – e, ao longo do texto, não especifica quando se refere a um ou a outro. Mas quem chega às instituições: ambos, ou somente a vítima? Gostaria que você falasse um pouco do seu observatório e das circunstâncias dos casos que vocês observam, ou que apresentasse o caso no qual se baseou, para que acompanhem o que há de singular do caso a caso.

Comentário sobre o texto de Emmanuel Rodriguez intitulado: “No meio – indefinida, turva, disfórica – aí eu estava’: Giovanna Cristina Vivinnetto”, do Observatório de Gênero, Biopolítica e Transexualidade da NEL, com enfoque na identidade, identidades e identificações.

RESUMO DO TEXTO E QUESTÕES

Depois de nos advertir de que você está apenas começando no observatório, sua proposta é se inteirar sobre o tema trans, no contexto nacional e regional. Para tanto, apesar de mencionar no título apenas o nome

de Vivinetto, no texto, você nos traz três referências: primeiramente, alguns pontos importantes sobre a política trans atual na Venezuela, a partir de uma entrevista com Tamara Adrián, uma advogada, política e ativista trans venezuelana; depois, há alguns fragmentos do livro *A la conquista del cuerpo equivocado*, de Miguel Missé, um sociólogo, escritor e especialista em gênero de Barcelona, objetivando ilustrar acontecimentos vividos pelo autor ao longo de sua transição e destransição; e, finalmente, há um comentário sobre a série italiana *Prisma*.

Os pontos sobre a política trans na Venezuela nos informam que, lá, o tema “trans” é quase completamente ignorado pelo Estado. Emmanuel não traz informações sobre a população trans propriamente dita, e, neste ponto, eu pediria a ele que nos desse alguma notícia sobre isso. Ele é muito sucinto e, além das citações do livro de Miguel Missé, não traz muitas informações sobre o autor e sua experiência, fazendo apenas breves comentários após cada citação, dos quais ressaltamos os pontos principais: o mal-estar instaurado pelo discurso do mestre; uma separação entre gozo e corpo; o empuxo da época a gozar da fluidez e a responsabilidade do sujeito; a manipulação do discurso capitalista e a utilização do trans para seus fins etc.

Das citações, podemos supor que Miquel Missé fez a transição num estado de desespero, por recusa de seu corpo, mas concluiu que: “não é possível assegurar um acordo total e muito menos definitivo com seu corpo uma vez que é sujeito da palavra”; “Nossos corpos estão bem, o problema é como se interpretam as partes do nosso corpo em uma sociedade como a nossa, seus significados e conotações”.

Eu gostaria que você nos dissesse um pouco mais sobre o autor e seus impasses na transição, bem como as conclusões às quais ele chegou. Eu consultei o *Google*, mas, ali também, além de alguns dados biográficos, não encontrei muita coisa sobre Missé.

Em relação à série italiana mencionada por você, da *Prime Video*, *Prisma* – que aborda a busca de uma identidade –, você também é

econômico. Vivinnetto me parece importante, sendo personagem e autora da série, em contraponto com Missé, faz do trans uma solução, e você acrescenta: “O trans aparece, assim, como uma solução, mas não para todos. Um por um. As experiências são muito singulares e se experimenta, de modo muito diverso”.

A partir desses casos, gostaria que você comentasse a “solução trans” tal como nos propõe Miller na Conversação Clínica, organizada pela UFORCA em 2022, em Paris [3]. No debate de um caso trans, apresentado por Ariane Fournier no final da Conversação, Miller ressaltou a identificação a uma mulher como um recurso trans, uma tentativa de significantizar – ali, onde faltou o significante fálico para regular o gozo –, e propõe: “o significante ‘trans’ é, para ela, um Nome-do-Pai” (Miller, 2022).

Obrigada.

[3] MILLER, J.-A. **La Solution Trans**. Paris: Navarin Ed., 2022.

Revisão do português: Bibiana Poggi

MESA 8

Interlocução/Interlocución

por Carlos Rossi

Buenas tardes. En primer lugar, agradezco muchísimo la invitación a Fernanda, a Gaby, a María Hortensia. Para mí es un gusto volver a FAPOL y a la jornada de los observatorios porque tengo un cariño muy especial por FAPOL.

Fernanda lo sabe, Gaby lo sabe, María Hortensia lo sabe. Y compartir la mesa con Ana Lucia también. Ana Lucia, tenemos que vernos en el cartel prontamente, ¿sí? Acordate, tenemos el cártel más largo de la historia.

Bueno, voy a tratar de hablar lento para los que no entienden español. Me toca comentar dos trabajos muy interesantes. El primer trabajo es de Juliana Mota, y se llama *Violencia y goce, el silencio mortífero*.

Y el segundo trabajo de Gabriela Urriolagoitia, *La infancia invisibilizada, ¿De qué Real se trata?* Lo primero que pensé cuando leí los trabajos y empecé a armar mis comentarios, es aquella frase sorprendente que lanzó Ève Miller-Rose en el ENAPOL de San Pablo, si no me equivoco. Ève Miller-Rose dijo que la orientación del psicoanalista en el campo social, podríamos decir, porque son dos trabajos que caminan en esa frontera, en ese borde entre lo individual y lo social. Y que uno podría decir, entre el sujeto y el campo del Otro.

Ève Miller-Rose planteó ese día que la orientación del psicoanalista tendría que ser elevar lo humano a la dignidad del sujeto. No sé si lo recuerdan, elevar lo humano a la dignidad del sujeto. Me pareció que fue un hallazgo, cuando intervino en esa línea, que nosotros necesitamos algo así como la recuperación de la categoría de lo humano.

Y van a ver que en ambos trabajos está esta tensión y esta direccionalidad hacia lo humano. La mesa está ordenada en torno a la idea del Uno solo, de los Unos solos. Entonces fue para mí muy interesante ubicar, por ejemplo, en el trabajo de Gabriela, algunas cuestiones.

El trabajo de Gabriela creo que tiene un eje central, que es el eje que podríamos plantear desde la perspectiva de Lacan, como el eje que va de lo visible a lo real. Ella investiga el eje entre lo visible, la mirada y lo real. Por eso habla de la infancia invisibilizada.

Me pregunté fuertemente qué significa en el mundo contemporáneo ser visible, ser visto. Y es una pregunta que yo quería introducir. ¿Qué es ser visto? Porque pensaba que toda lectura orientada por el psicoanálisis, tiene que direccionarse a hacerse preguntas, apuntar hacia el síntoma.

El síntoma en el campo personal, el síntoma en el campo singular, y el síntoma en el campo social. Con esto digo, pienso cuando escucho los observatorios, si se plantean la discusión de una ley y sus síntomas. Si tienen esa tensión entre una ley y sus síntomas.

Entonces, pensando en eso de lo visible y lo invisible, ya se me instalaba una primera pregunta, Gabriela, que era la siguiente: ¿qué podríamos decir acerca de los modos contemporáneos de ser visible? Porque evidentemente estamos en un tiempo de muchísimos cambios con respecto a eso. Segundo, en tu trabajo hablas de la infancia *muteada*, enmudecida, y pensaba con relación a eso de la infancia enmudecida, que es siempre una preocupación nuestra de cómo hacer hablar, cómo leer el silencio, cómo diferenciar el decir del hacer, y cómo ir a buscar ahí el verdadero estatuto de la palabra. Entonces, recordé, con respecto al niño invisibilizado, al niño en los juzgados, el niño que no tiene palabra, recordé que siempre tenemos que tener presente lo que plantea Lacan en una afirmación que ya iluminaba la época en 1975, en su conferencia de Ginebra, con respecto al silencio.

Para pensar justamente en términos del síntoma, del silencio del niño judicializado, sería Gabriela, si digo bien, del niño cruzado por los protocolos. Lacan, en su conferencia de Ginebra, nos recuerda que tanto el autista como el llamado esquizofrénico, o sea, al sujeto que está como uno solo, claramente, el autista y el esquizofrénico, Lacan nos dice: que a usted le cueste trabajo escucharlo, darle su alcance a lo que dicen, no impide que sean finalmente sujetos más bien verbosos. Gabriela, quería introducir esa dimensión, la dimensión del sujeto que, por más

que esté callado, por más que no diga nada, por más que sea hablado por el discurso judicial, por más que sea hablado por el discurso de los padres, Lacan ubica ahí que es un sujeto verboso, un sujeto que hay que saber leer, que hay que poder escuchar.

Finalmente, cuando vos terminas tu trabajo con la pregunta de qué real se trata, pensaba en empujarte un poco a respondernos de qué real se trata, pero con una línea de lectura, y esa línea de lectura es que si no te parece que estamos en un tiempo en el que se puede hablar de una cierta superposición entre la mirada y la voz, porque en tu trabajo justamente está el desplazamiento, el silenciamiento, podríamos decir, de las voces, por debajo de la mirada, como si hubiera un retorno a la idea de que la mirada lo puede todo, la mirada aplasta la voz. Entonces, esa es un poco mi orientación para tu trabajo y algunas preguntas.

El trabajo de Juliana, muy interesante, ubica para mí dos puntos que son muy interesantes y que quería que desarrolle un poquito también, que es fundamentalmente el tema que nos preocupa siempre en el psicoanálisis, que es el tema de la segregación y la extranjería, la relación entre segregación, extranjería y violencia.

Pensaba que tiene dos aspectos, desarrolla dos aspectos, la violencia a nivel del sujeto, y la violencia a nivel social. En su primera parte nos trae el planteo de la perspectiva lacaniana de la agresividad desde el estadio del espejo, como el famoso yo es otro, como yo me formo en relación con el espejo o al otro, como eso funciona de alguna manera en los orígenes de la vida de un sujeto, como lo que arma la estructura del yo, pero al mismo tiempo tiene un resto, que es un resto que funciona con una agresividad especular, pero está siempre en el eje del yo y el otro. Entonces, Juliana, mi primera pregunta para pensarlo, es justamente cómo pensar el eje de la conformación del yo y sus restos de agresividad en una época del Otro que no existe.

Me parece que es algo que tenemos que plantearnos. Obviamente, vigencia absoluta del estadio del espejo, más en la época que el Otro que no existe. En el psicoanálisis, entiendo yo, nada queda perimido,

nada se suplanta, sino que hay un plus con el que siempre tenemos que leer los fenómenos.

Por lo tanto, ella explica la segregación y la agresividad desde estos dos puntos de vista. El primero es la agresividad especular, a la que me refería, y el segundo es el de la diferencia sexual, de cómo se intenta agredir al otro, en tanto se ubica en el otro una diferencia que hace que el yo la tenga que destruir. Yo soy otro, sería lo contrario, yo no soy otro.

Hay un punto que me pareció espectacular, y que quería pedirte que lo desarrolles, el punto en el cual el hombre violento golpea a la mujer, y que produce esa descarga de destrucción del otro, de lo femenino uno podría decir, pero que vos le agregas algo muy importante, que no solo destruye al otro, sino que después se autolesiona. Eso me pareció una perla de tu trabajo, y quería escucharte hablar del hombre que golpea y se autolesiona. Y finalmente, para no extenderlo más, porque ella habla del odio de lo femenino, pensaba lo siguiente, que era intentar retomar lo que planteé en el Congreso de la Asociación Mundial, en lo que fue el Comité de Política que tuvimos con Sérgio de Mattos, Ana Viganó, Ricardo Seldes, y Laura Sokolowsky.

Pensaba, si no tenemos que ya empezar a introducir algún tipo de lectura de los fenómenos sociales, porque fíjense que, en las mesas durante la jornada, hubo una lectura muy claramente orientada por el discurso capitalista, vos lo traes, Juliana, el discurso capitalista, el seminario 17, y hubo varias lecturas centradas en las fórmulas de la sexuación del seminario 20. Y quería retomar un poco la conversación del Congreso, porque sosteniendo esto de que en el psicoanálisis no hay temas perimidos, no hay temas que pasan de moda, no es que Lacan suplanta a Freud, ni que la lectura de Miller suplanta a Lacan, etc. Pero si no es tiempo ya de hacer una lectura desde la perspectiva del seminario 23, no solo del 17 y del 20.

El tecnocapitalismo, en algún punto, contemporáneo, la internacionalización del tecnocapitalismo, implica que hay que revisar el modo en el que leemos nuestra clínica con los cuatro discursos, revisarlo. Creo que el discurso capitalista no alcanza, que hay que darle una vuelta más

para pensar el discurso tecnocapitalista, diría yo, internacionalizado. Lo mismo con respecto a la cuestión del cuerpo sexuado o no, o la destrucción del cuerpo, que lo ubicamos con relación al seminario 20, la fórmula de la sexuación, y digo que tal vez podríamos introducir la lectura a partir del seminario 23, de cómo cada uno hace con su cuerpo, cómo cada uno se hace un cuerpo.

Revisión del español: Silvina Molina

Conclusão

Conclusión

Uma outra história começa, o mesmo combate continua...

Chegamos ao momento de concluir estas belíssimas e preciosas jornadas. Gostaria de agradecer em nome do Bureau, e enormemente, à Comissão de Leitura que, além de ler os textos, pensar as mesas, com poesia armou seus títulos e também, ao estilo de cada um, nos encantou com a coordenação das mesas destas jornadas. Agradecemos também aos interlocutores de cada mesa que puderam colocar as boas perguntas e, com suas inquietudes, fazer falar um pouco mais o que cada Observatório tem a dizer. Gostaria de sublinhar que as três Escolas em seu laço à Fapol – EBP, NEL e EOL –, muitos colegas membros e não membros de sua comunidade analítica e também muitos colegas que hoje estão em funções diretivas em suas instâncias – conselheiros, presidentes e diretores – estiveram, ontem e hoje, assistindo a estas jornadas. Isso ressonará, é o indeterminado. Vamos aguardar seus efeitos em cada um e na Escola. A relação entre Observatório e Escola, pergunta que esteve presente todo o tempo e, gosto de dizer como foi dito esses dias de diferentes maneiras, que é uma relação topológica: são lógicas diferentes, mas uma serve à outra.

Da polifonia de cada um dos Observatórios, ouvimos a distinção da voz de cada um: a dignidade de um rasgo de saber, um grão original, uma pergunta, uma surpresa que, ao final, no instante de concluir, surge como uma assinatura original das observações, elaborações e interpretações do que hoje se lê como questões de sociedade. Escutar o que fala o Outro social. Isso interessa às Escolas, os Observatórios são efeitos desse interesse, não porque a psicanálise tenha o que ensinar aos outros discursos, mas para que possa, com suas observações do que queima em cada época, ensinar e instruir a nossa experiência mesma.

Recordo-me que Lacan dizia que Freud se manteve à altura de seu tempo por permanecer tão próximo quanto possível do candente, do que queima em sua época, ou seja, do braseiro da coisa dita, pois *onde*

há discurso, há braseiro aceso. Enfim, gosto de pensar que os Observatórios têm esse antecedente. Eles foram concebidos para ler os discursos que dão forma aos temas emergentes na cultura, aportando material concreto às Escolas e fazer avançar a psicanálise, ou seja, ajudar a reinventá-la, como disse Miller, ao sondar as vias pelas quais a verdade que queima se infiltra no tecido social, seu mal-estar, pois como disse Lacan em Vincennes, há um saber que não está no quadro, está no real.

Se analistas observam, com antenas analíticas, questões de sociedade que repercutem na atualidade da clínica é para auscultar a matéria do real que o discurso da ciência achata e o senso comum não quer saber. Onde há o novo, resiste o mesmo. A aposta é que um observador em posição analisante, placa sensível, logre em passar o que vier a saber – efeito da experiência – à própria psicanálise, contribuindo para elucidar o contexto em que ela faz sua oferta. Eis aí a originalidade de um Observatório. E hoje aqui testemunhamos, neste ato, que é uma aposta que vale a pena e vamos seguir com sua originalidade.

Flory indicava em sua abertura que é função dos Observatórios entregar ao Bureau seus produtos, aos quais o Bureau dará um destino, junto às Escolas. O Bureau da Fapol decidiu que um desses destinos é a própria jornada. É fundamental entregar à nossa comunidade analítica o que aqui se transmitiu e seguir os efeitos do que pode advir na formação de cada um e no trabalho de Escola. Cada Escola encontrará os meios para deles se servir conforme suas circunstâncias. Os trabalhos dos Observatórios e dessas Jornadas serão publicados sob a forma de um *e-book* e serão lançados por ocasião do XII Enapol.

Neste momento de permutação dos Observatórios, gostaríamos, por fim, de anunciar os novos temas e a nova composição dos Observatórios, cujo produto será objeto de conversação entre as três Escolas na semana do XII Enapol. Trata-se de uma experiência! Cada um desses Observatórios terá seus leitores que, junto com eles, estarão repercutindo o trabalho do Observatório que eles farão durante esse período.

A deserotização do mundo –**As paixões tristes de todos os gêneros****La deserotización del mundo –****Las pasiones tristes de todos los géneros**

Agustín Farré – San Juan

Andrés Amariles – Medellín

Bruna Albuquerque – Belo Horizonte

Camila Kerdrel – Rio de Janeiro

Dalia Virgilí – Buenos Aires

Diego Cervelin – Florianópolis

Edgar Vázquez – Ciudad de México

Florencia Fernández – Montevideo

Iara Suárez – La Plata

Iván Delgado – Maracaibo

Marina Fragoso – João Pessoa

Miguel de la Rosa – Guayaquil

Leitores: Heloisa Telles (EBP), Gisela Smania (EOL), Lorena Greñas (NEL)

O fantasma da época – O homem neuronal e estilos de vida**El fantasma de la época – El hombre neuronal y estilos de vida**

Andrea Pietro – Rio de Janeiro

Diana Palma – Mendoza

Eduardo Vallejos – São Paulo

Gonzalo Rodríguez – Tucumán

Gresielá Nunes – Tubarão

José Luis Obaid – Santiago de Chile

Juan Cruz De Lellis – Buenos Aires

Margareth Acevedo – Buenos Aires

Mayra Alonso – La Habana

Paúl Mata – Caracas

Renzo Pita – Lima

Vinicius Lima – Belo Horizonte

Leitores: Paula Borsoi (EBP), Celeste Viñal (EOL), Carlos Márquez (NEL)

Modalidades de morrer no século XXI

Modalidades del morir en el siglo XXI

Alejandra Guerra – Buenos Aires

Ana Beatriz Zimmerman – Rio de Janeiro

Ana María Valle – Ciudad de Guatemala

Barbara Afonso – Belo Horizonte

Carla González – Caracas

Fabricio Donizete da Costa – São Paulo

Gabriela Villaroel – Cochabamba

Graziela Pires – Salvador

José Sananes – Buenos Aires

Lilibeth García – Lima

Patricia Pena – Buenos Aires

Soledad Arrieta – Buenos Aires

Leitores: Cristiane Grillo (EBP), Elena Levy Yeyati (EOL),

Paula Del Cioppo (NEL)

Transpusemos a linha? – A devastação da natureza humana

¿Hemos pasado la raya? – La devastación de la naturaleza humana

Ariel Hernández – La Plata

Camila Popadiuk – São Paulo

Daiana Regojo – Buenos Aires

José Augusto – Baía da Traição

José Juan Ruiz Reyes – Ciudad de México

Juliana Horowitz – Buenos Aires

Lucas Horvath – Buenos Aires

Luisa Carvalho Miranda de Lima – Palmas

Miguel Ramírez – Cochabamba

Milena Nadier – Salvador

Peter Molineaux – Santiago de Chile

Stephanie Rudeke – Ciudad de Guatemala

Leitores: Oscar Reymundo (EBP), Viviana Mozzi (EOL), Paula Iturra (NEL)

Por fim, encerro com Miller, tal como ele encerrou sua apresentação das circunstâncias de “A terceira” de Lacan: *uma outra história começa, o mesmo combate continua.*

Fernanda Otoni Brisset
Presidenta da FAPOL

Otra historia comienza, el mismo combate continúa...

Llegamos al momento de concluir estas bellísimas y valiosas Jornadas y quisiera agradecer en nombre del bureau y, enormemente, a la comisión de lectura que además de leer los textos y pensar las mesas, armó sus títulos con poesía y también, con el estilo propio de cada uno, nos encantó con la coordinación de las mesas de estas Jornadas. Agradecemos también a los interlocutores de cada mesa, quienes pudieron formular buenas preguntas, compartir sus inquietudes y hacer hablar un poco más sobre lo que cada observatorio tiene para decir. Quisiera subrayar que las tres Escuelas en su lazo con FAPOL – EBP, NEL y EOL –, muchos colegas miembros y no miembros de su comunidad analítica, así como también muchos colegas que actualmente ocupan funciones directivas en sus instancias, consejeros, presidentes y directores, estuvieron ayer y hoy asistiendo a estas Jornadas. Eso resonará, es lo indeterminado, esperemos sus efectos en cada uno y en la Escuela. La relación entre Observatorio y Escuela, pregunta que estuvo presente todo el tiempo -me gusta decir como se dijo en estos días de diferentes maneras- es una relación topológica: son lógicas diferentes, pero una sirve a la otra.

De la polifonía de cada uno de los observatorios, escuchamos el tono singular de cada voz: la dignidad de un trazo de saber, un grano original, una pregunta, una sorpresa que, al final, en el instante de concluir, surge como una firma original de las observaciones, elaboraciones e interpretaciones sobre lo que hoy se lee como cuestiones de la sociedad. Escuchar lo que dice el Otro social. Eso interesa a las Escuelas; los observatorios son efectos de ese interés, no porque el psicoanálisis tenga algo que enseñar a los demás discursos, sino para que, a través de sus observaciones sobre lo que arde en cada época, pueda enseñar e instruir nuestra propia experiencia.

Recuerdo que Lacan decía que Freud se mantuvo a la altura de su tiempo por mantenerse lo más cerca posible de lo candente, de lo que ardía en su época, es decir, del brasero de lo dicho, porque *donde hay discurso, hay*

brasero encendido. En fin, me gusta pensar que los observatorios tienen este antecedente. Fueron concebidos para leer los discursos que dan forma a los temas emergentes en la cultura, aportando material concreto a las Escuelas y haciendo avanzar el psicoanálisis, es decir, ayudando a reinventarlo, como dijo Miller, al explorar las vías por las cuales la verdad que arde se infiltra en el tejido social, en su malestar, porque como dijo Lacan en Vincennes, hay un saber que no está en el encuadre, está en lo real.

Si los analistas observan, con antenas analíticas, cuestiones de la sociedad que repercuten en la actualidad de la clínica, es para auscultar la materia de lo real que el discurso de la ciencia aplasta y el sentido común no quiere saber. Donde hay lo nuevo, resiste lo mismo. La apuesta es que un observador en posición analizante, como placa sensible, logre transmitir aquello que llegue a saber —efecto de la experiencia— al propio psicoanálisis, contribuyendo a elucidar el contexto en el que este hace su oferta. He ahí la originalidad de un observatorio. Y hoy aquí hemos testimoniado, en este acto, que es una apuesta que vale la pena y que vamos a seguir con su originalidad.

Flory señalaba en su apertura que es función de los observatorios entregar su producto al bureau y que el bureau les da un destino, junto con las Escuelas. El bureau de FAPOL decidió que uno de esos destinos sea la propia jornada. Es fundamental entregar a nuestra comunidad analítica lo que aquí se ha transmitido y seguir los efectos de lo que puede devenir en la formación de cada uno y en el trabajo de la Escuela. Cada Escuela encontrará los medios para servirse de ello conforme a sus circunstancias.

Los trabajos de los observatorios y de estas Jornadas serán publicados en forma de un e-book, que se lanzará con ocasión del XII ENAPOL.

En este momento de permutación de los observatorios, quisiéramos por último anunciar los nuevos temas y la nueva composición de los observatorios, cuyo producto será objeto de conversación entre las tres Escuelas en la semana del XII ENAPOL. ¡Se trata de una experiencia! Cada uno de estos observatorios tendrá sus lectores que, junto a ellos, estarán haciendo resonar el trabajo del observatorio que llevarán adelante durante este tiempo.

Finalmente, concluyo con Miller, tal como él cerró su presentación de las circunstancias de “La tercera” de Lacan: *otra historia comienza, el mismo combate continúa.*

Fernanda Otoni Brisset
Presidenta da FAPOL

BUREAU 2024-2026

Fernanda Otoni Brisset – Presidenta FAPOL
 Gabriela Camaly – Vice-Presidenta FAPOL
 María Hortensia Cárdenas – Secretária/Secretaria FAPOL

PRESIDENTA HONORÁRIA/PRESIDENTA HONORARIA

Flory Kruger

CONSELHO FAPOL/CONSEJO FAPOL

Ricardo Seldes – Presidente AMP
 Fernanda Otoni Brisset – Presidenta Fapol
 Nohemí Ibáñez Brown – Presidenta EBP
 Luiz Felipe Monteiro – Diretor EBP
 Gabriela Grinbaum – Presidenta EOL
 Irene Kuperwajs – Directora EOL
 Luisa Aragón – Presidenta NEL
 María Teresa Russi – Consejera NEL

TESOURARIA/TESORERÍA

Tesoureira/Tesorera: Ana Tereza de Faria Groisman

Colaboradores

EBP: Fabiola Ramon
 EOL: Gustavo Sobel
 NEL: Mackling Limache Casabona

SECRETARIA DE MÍDIAS E DIFUSÃO/SECRETARÍA DE MEDIOS Y DIFUSIÓN

Secretária/Secretaria: Nohemí Ibáñez Brown

Colaboradores

Diego Cervelin, Dolores Amden, Késia Ramos, Lucia Benchimol,
 Mackling Limache, María Teresa Russi, Miguel Antunes

PROJETO GRÁFICO
DISEÑO GRÁFICO
JULIO ABREU
Imagem da capa
adaptada by Freepik



FAPOL